# TEATRO NECESSÁRIO e NECESSIDADE de TEATRO

JOSÉ JÚLIO FINO

«Recomeçamos sempre do começo. São palavras que valeram ontem, e valem hoje. Palavras que contêm a fé na razão humana, e a esperança de vê-la, um dia, realizada.» ERWIN PISCATOR.

3

*Para preencher esta minha dissertação (chamemos-lhe assim) sobre Teatro, resolvi debruçar-me, quase exclusivamente, sobre a parte abrangida pelo título Necessidade de Teatro.*

*Já por variadíssimas vezes tenho tido discussões — dentro dum plano amigável, claro — com pessoas não afectas ao Teatro (não afectas no verdadeiro sentido da palavra, pois nem sequer frequentam o teatro para assistirem a espectáculos ou se interessam por algo que se ligue à arte de representar) e verifico, com certa e compreensível amargura, que grande parte da sua aversão a tudo o que se relaciona com a tão maltratada arte de representar, assenta em bases absolutamente erradas e até, por vezes, criadas por ideias preconcebidas sem qualquer espécie de justificação (por momentos, chego a pensar que o Teatro será para elas como que um «clube» que é necessário detestar, já que, como adeptos fanáticos e indefectíveis de um «contrário» se acham nessa obrigação «moral»); por outro lado tenho constatado que há pessoas que consideram a arte de representar «degradante»; que vêem num artista (mesmo ao nível de amador) como que um «maluco» e impedem, por todos os meios, que qualquer membro da sua família ingresse «numa coisa dessas». Confesso que é um panorama desolador e injusto para uma arte que, no campo cultural, mais influência tem tido no desenvolvimento humano-social, através da história do mundo. E estou em crer que o afastamento que se verifica nas camadas jovens em relação ao Teatro (amador), será, em grande parte, causado por essa espécie de mentalização-negativa que se processa no seio familiar e até na roda de amigos.*

*Vejamos onde quero chegar e o que pretendo defender: já se pensou, por exemplo, que dentro dum grupo de teatro ama-*

Continua na página nove

AVEIRO, 9 DE NOVEMBRO DE 1968 ★ ANO XV ★ N.º 731

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo • Administrador Alfredo da Costa Santos • Proprietários — David Cristo e Francisco Santos • Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telefone 23886 — AVEIRO

# CHEFE DO DISTRITO

Foi marcada para as seis horas da tarde de anteontem, no Ministério do Interior, a cerimónia da tomada de posse do sr. Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães nas elevadas funções de Governador Civil do Distrito de Aveiro.

Ao fecho desta página, decorria precisamente em Lisboa aquele acto solene, o que nos impossibilita de referi-lo agora circunstanciadamente. Quanto sabemos é que numerosíssimos aveirenses, de todas as categorias sociais, se deslocaram à capital, para testemunharem, com a sua presença, o mais alto apreço pelo empossado.

Hoje, pelas 16 horas, como noutro lugar deste jornal se refere, ao sr. Dr. Vale Guimarães serão apresentados cumprimentos, em cerimónia que decorrerá no edifício do Governo Civil.

Antecipando-nos ao acto, que prevemos concorridíssimo, saudamos o sr. Dr. Vale Guimarães, na expectativa de que, uma vez mais, ele porá ao serviço dos interesses de Aveiro, em dádiva total, aquelas virtualidades que bem lhe conhecemos.

*Do sr. Dr. Artur Alves Moreira, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, recebemos o pedido de publicação do seguinte*

## CONVITE

A Câmara Municipal de Aveiro convida os seus munícipes a comparecerem no edifício do Governo Civil, no próximo sábado, dia 9, pelas 16 horas, a fim de assistirem à cerimónia de apresentação de cumprimentos ao Excelentíssimo Senhor Governador Civil do Distrito, Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães.

# Senhora Dona Carolina

DR. MÁRIO SACRAMENTO

QUERO cumprimentá-la pelo desassombro e pela pertinência dos seus artigos. Homem habituado, por ruim destino, a moer o que penso, entra-me um raio de Sol em casa quando outros conseguem dizer coisas justas. E, sobretudo, quando o fazem na linguagem directa, avessa a bonitismos estilísticos (que são o mau pudor das mazelas lógicas) que V. Ex.ª põe nas suas intervenções jornalísticas.

Tem V. Ex.ª razão quase sempre. E só não digo sempre porque não estou certo de ter lido tudo o que escreveu. Herdou de quem eu admiro — e é um dos maiores nomes de Aveiro — esse dom. Mas soube desenvolver e afirmar a sua personalidade, e é isso, afinal, o que conta. No dia em que entendeu declarar-se católica, fê-lo com dignidade e sem que tivesse envergado o burel de penitente. Só são sinceras ou normais as adesões que não envolvem alterações suspeitas do carácter. A sua foi-a: respeito-a.

Por caminhos diversos e serenamente meus também (se é que pode ser serena a paixão de uma vida), ando há anos à procura dum católico progressista que queira dialogar comigo, como manda a Santa Madre Igreja. Encontrei, é verdade, a expectativa amável de Filipe Rocha, entre outras; o acolhimento cortês do C. E. F. A. S. de Águeda; e, sobretudo, a faternidade compreensiva, inteligente, culta e aberta, desse admirável Mário da Rocha, que tanto prezo. Mas todos sofrem (ou sofreram?) os complexos aveiristas, e não há que censurá-los por isso, antes pelo contrário. Só está integrado num meio quem lhe aceita as limitações — para as vencer regradamente.

V. Ex.ª e eu somos e não somos de Aveiro, porém. Prezamos, por razões que não vêm ao caso, o que a outros confrange: a liberdade de falarmos contra nós próprios, por exemplo. Ou de nos opormos ao que for erro — nosso ou alheio, não importa. O amor da verdade que a todos transcende, em suma; e o apego ao concreto, ao exacto e real que isso envolve. Não queremos ser santos, porque ser santo é uma desumanidade. Somos pecadores em luta com o pecado, sim — e atenho-me a esta terminologia para facilitar apenas, não porque seja a minha. E temos dó dos que são antipecadores: esses nunca se viram ao espelho, coitados. O mal e o bem fazem parte do nosso quotidiano, humanos que são. Aspiramos ao melhor em nome do homem, não a despeito dele. É pois a vida, e não a morte, o nosso objec-

Continua na última página

# Cada cabeça... sua sentença

COORDENAÇÃO DE JÚLIO HENRIQUES

CONTINUANDO Pinto da Costa «de férias», cá estamos de novo nós a tentar pôr na rua alguma coisa para discussão. Tema: poesia hoje? Qual a sua função social, para que serve, a quem serve? Havendo tantos novos a fazer poesia (asseguram-nos que 90 % dos universitários a faz, embora a maior parte deixe a lira quando abre consultório ou consegue um *tacho* razoável...), havendo tantos jovens a interessarem-se vivamente por ela, sem aquele interesse snob e superficial característico do século XIX das olheiras profundas, parece-nos terrivelmente lamentável que não sejam organizadas sessões públicas onde se diga poesia do nosso tempo, onde os nossos poetas necessários saltem para a rua na voz de quem os ame, e cantem as nossas esperanças, as nossas desesperanças, denunciem e avisem. Será proibido dizer poesia, por exemplo, no Rossio ou Parque Municipal? Serão tantos os obstáculos que se caia de início? Ou será a indiferença, esta apatia que nos fere, nos distancia? Não é fácil esquecer-se o êxito que os recitais do poeta russo Ievtuchenko despertaram em Lisboa.

«Na realidade, são poucos, hoje, os grandes poetas *manuseados* pelo público que lhes conhece os nomes decorados nas escolas ou ouvidos por acidente no dia-a-dia. Mas apenas os nomes, porque as obras, essas, ficaram *distantes* nas suas edições de preços excessivos — um livro custa cerca de meio dia de trabalho.»

Quer dizer: a poesia fecha-se nos livros. E o que é preciso é que ela salte para a rua — diga-se, grite-se, berre-se um milhão de vezes. O povo gosta de poesia, gosta que se lhe fale, isto é incontestável. Aveiro, com vários jovens interessados e corajosos, devia «exigir» deles que trouxessem poesia para a praça pública.

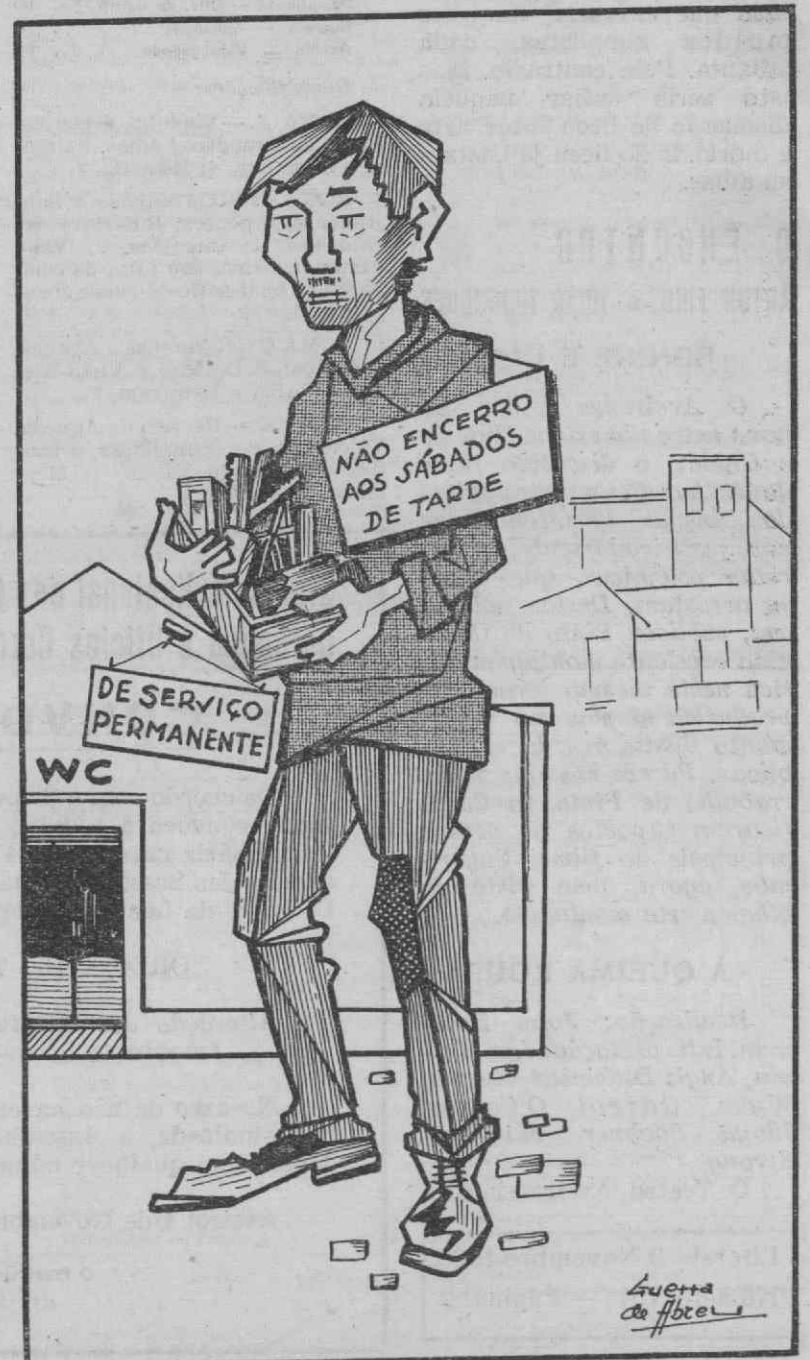
Outro lado do esquecimento: a Rádio e a TV, organizações onde a poesia poderia ter um campo vasto para divulgação junto do povo, já que, como é sabido, são orgãos de informação que o interessam especialmente (o nosso estado de transição justifica-o).

Os recitais, popularizados por João Villaret, parecem também ter deixado de nos interessar, não sabemos bem porquê. Cada vez ouvimos menos falar de declamadores, embora os tenhamos excelentes (Maria Barroso, que em 9-12-66 deu ao Teatro Aveirense um interessante espectáculo, é dos melhores exemplos).

Faltam-nos, como diz Sttau Monteiro, hábitos de vida colectiva, aberta.

De integração cada vez menos pactuante, a poesia resolve-nos caminhos, põe-nos defronte da

Continua na última página

POESIA, VELOZMENTE

# Crónicas de Cinema

Continuação da última página

guem passar mesmo. Como tal, *Doutor Fausto* é susceptível de iludir o cinéfilo desatento.

Seria possível criar o ambiente de fantasmagoria sem o recurso a floreados tão gastos. Mas preferiu-se o que prendia de um modo mais imediato (e mais imediato não significa melhor) o espectador. Tanto no aspecto cénico como na metáfora que simboliza o inferno, assistimos a um desfiar de uma imaginação que não vai além da do comum dos mortais. De uma imaginação em que falha um sentido de inovação dos processos estéticos. Mas convenhamos num ponto: a interpretação de Burton (mais próximo do teatro do que do cinema) quase não permite que o *Doutor Fausto* naufrague.

Arrancada a uma lenda, a temática do *Doutor Fausto* ficou-se pelas meias-tintas. Não houve a preocupação de um enquadramento histórico. E, afinal, a explicação mais profunda para o estranho comportamento do Doutor Fausto assenta na mentalidade de uma determinada época. É que também as lendas vivem como produto de um contexto social. E a verdade, verdadinha, garante-nos da impossibilidade de no séc. XX, em Inglaterra aparecer um Doutor Fausto. Mas nada é de estranhar que ele tivesse surgido em toda a sua alucinação, no séc. XVI.

A cena final, tão declaradamente moralista, não nos convence. Foi mais uma artimanha fácil para comover o público. Para o obrigar a um rebate de consciência. Mas que em arte, naqueles moldes simplistas, nada adianta. Pelo contrário. Mas isto seria enfiar naquela discussão de liceu sobre arte e moral. E do liceu já bastam as aulas.

## O ENCONTRO

**ARTUR FINO • JÚLIO HENRIQUES**

### «BONNIE E CLYDE»

*O Aveirense teima. De novo entre nós esteve «Bonnie e Clyde», o discutido filme de Arthur Penn. Obra-prima do Cinema, levantou entre nós, justificadamente, aguerridas polémicas, que ainda se arrastam. Destas polémicas, publicou Pinto da Costa uma excelente montagem crítica neste mesmo jornal, reproduzida depois no suplemento Bastidores do «República». Parece-nos que neste trabalho de Pinto da Costa ficaram expostos os pontos principais do filme. Sugerimos, agora, uma vista de olhos a esta montagem.*

### «À QUEIMA ROUPA»

*Realização: John Boorman. Interpretação: Lee Marvin, Angie Dickinsen, Keenan Wynn, Carrol O'Connor, Lloyd Bochner, Michael Strong.*

O Teatro Aveirense continua a tentar trazer-nos, conforme pode, bom cinema. Este «À queima roupa», é um exemplo. Sabemos das dificuldades que estas tentativas implicam. Vimos a casa com muitos lugares vazios à tarde, com muitos lugares vazios à noite.

A força expressiva posta na realização, a firmeza, a crueldade, exigiram uma atenção permanente, não deleitada mas férrea. O esquema de montagem, que poderemos dizer exemplar, apareceu-nos numa dimensão estética onde o equilíbrio assentou. Aliás, as cenas de flash-back surgiram-nos como *imposição* coordenadora essencial, sem o que a interioridade física dos personagens não poderia explicar tão fortemente a sua situação psicológica, sobretudo em *Walker*. Essa ausência limitaria a leitura do filme, se não levasse mesmo para um campo meramente descritivo do enredo, que sem este tratamento cinematográfico reduziria a obra à banalidade sorridente de fita policial circunscrita a uma história sem projecção.

Assim, o filme vale *também* (e sobretudo) pela abertura de interpretação sociológica, pela visão que nele podemos perceber do que se passa noutros locais onde o servilismo, fruto de sistemas capitalistas puros, iniciando-nos numa percepção ampliada do que vemos entre nós.

Ao contrário da figura heróica convencional, *Walker* é um anti- herói sem possibilidades de fuga, sem vislumbres autênticos de opção. É um corpo que desliza unilateralmente nos meandros do crime sindicalizado, com organizações que controlam inclusivé a lei. É um ser reconhecendo-se marginalizado, cuja actividade não poderá já ser feita em termos irrepreensíveis: ao mesmo tempo caçador e peça de caça, não pode haver nele (porque efectivamente não há) canduras. No tipo de organização criminosa onde procura reaver-se, não há saídas honestas: tudo se faz através de jogos falsos, de vigarices calculadas em bases matemáticas, de artificialismos de conduta social.

No fundo, o mundo que nos é dado ver no filme é um território que nos é familiar. Sentimos-lhe o bafo.

# ARCA DE ANTIGUIDADES

Continuação da última página

*das letras pátrias, pela maneira como o mesmo se houve no desempenho da sua missão de embaixador à corte de Espanha, onde foi negociar o casamento do príncipe D. Afonso com a infanta D. Isabel.*

9 de Novembro — 1856 — *São eleitos deputados, pelo círculo de Aveiro, José Estêvão Coelho de Magalhães, António Luís de Seabra, (depois visconde de Seabra) e Francisco António de Resende. O primeiro e o último eram filhos desta cidade, e o segundo havia nascido nas águas de Cabo Verde, a bordo de um navio em que seguiam seus pais para o Rio de Janeiro.*

10 de Novembro — 1839 — *É benzida a capela do cemitério central desta cidade. O acto foi revestido de toda a solenidade, assistindo a Câmara e todas as autoridades.*

*Lançou benção o frade domínico, frei Francisco do Rosário.*

11 de Novembro — 1861 — *A cidade recebe, consternadíssima, a notícia de que em Lisboa acabava de falecer el-rei D. Pedro V.*

*Neste mesmo dia tudo se apresentou vestido de luto; não houve artista ou mulher do povo que não pusesse fumo ou lenço preto.*

12 de Novembro — 1577 — *Provisão régia regulando a forma porque os pescadores tinham a pagar os direitos da sua pesca.*

14 de Novembro — 1868 — *A Associação Comercial representa ao governo pedindo que nas ruínas do Paço Episcopal se construa um novo edifício para a Alfândega.*

18 de Novembro — 1865 — *Na tarde deste dia o corpo central da Estação dos Caminhos de Ferro foi destruído por um violento incêndio.*

1893 — *Portaria do Ministério das Obras Públicas concedendo à Câmara Municipal o necessário auxílio para o estabelecimento de uma aula de Desenho Industrial na Secção Barbosa de Magalhães, do Asilo Escola Distrital.*

*Esta aula foi mais tarde convertida na Escola Industrial «Fernando Caldeira».*

19 de Novembro — 1864 — *A Câmara desta cidade representa ao governo pedindo a colocação de um corpo de tropa em Aveiro, oferecendo-se a concorrer para a restauração de um dos quartéis, o de S. Domingos ou o de Santo António.*

Continuação da página três

## Sumário Distrital

ZONA D

Pampilhosa — Oliv. do Bairro . . 1-0
Recreio — Mealhada . . . . . 9-1
Anadia — Valonguense . . . . 1-2

*Classificações:*

ZONA A — Espinho, 6 pontos; Paços de Brandão, Lamas, Feirense e Lusitânia, 4; Esmoriz, 2.

ZONA B — Oliveirense e Sanjoanense, 6 pontos; Bustelo e Arrifanense, 4; Cucujães, 2; Valecambrense (averbou falta de comparência no desafio da ronda inaugural), 1.

ZONA C — Ovarense e Avanca, 6 pontos; Beira-Mar e Vista-Alegre, 4; Alba e Estarreja, 2.

ZONA D — Recreio de Águeda, Valonguense e Pampilhosa, 5 pontos; Oliveira do Bairro, 4; Mealhada, 3; Anadia, 2.

*Jogos para amanhã:*

Espinho — Feirense
Esmoriz — Lusitânia
Paços de Brandão — Lamas
Sanjoanense — Bustelo
Cucujães — Oliveirense
Valecambrense — Arrifanense
Estarreja — Alba
Avanca — Beira-Mar
Ovarense — Vista-Alegre
Valonguense — Pampilhosa
Oliveira do Bairro — Mealhada
Recreio — Anadia

*JUVENIS*

*Resultados da 3.ª jornada:*

ZONA A

Oliveirense — Bustelo . . . . . 1-1
S. Roque — Lusitânia . . . . . 0-1
Cucujães — Feirense . . . . . 1-2
Sanjoanense — Arrifanense . . . 2-0
Espinho — Ovarense . . . . . 0-0

ZONA B

Estarreja — Pampilhosa . . . . 1-3
Avanca — Beira-Mar . . . . . 1-1
Gafanha — Alba . . . . . . . 3-4
Mealhada — Vista-Alegre . . . 2-1
Recreio — Anadia . . . . . . 0-1

*Classificações:*

ZONA A — Sanjoanense e Feirense, 9 pontos; Bustelo, 7; Cucujães, Lusitânia e Oliveirense, 6; Ovarense e Espinho, 5; S. Roque, 4; Arrifanense, 3.

ZONA B — Anadia e Alba, 9 pontos; Recreio de Águeda, 7; Vista-Alegre, Avanca e Beira-Mar, 6; Pampilhosa e Mealhada, 5; Estarreja, 4; Gafanha, 3.

*Jogos para amanhã:*

Bustelo — Cucujães
Lusitânia — Oliveirense
S. Roque — Espinho
Feirense — Sanjoanense
Arrifanense — Ovarense
Pampilhosa — Gafanha
Beira-Mar — Estarreja
Avanca — Recreio
Alba — Mealhada
Vista-Alegre — Anadia

## Aveiro na I e III Divisão

Nacional da III Divisão, na Zona B:

Mortágua — Marialvas . . . . 0-0
FEIRENSE — Vildemoinhos . . . 4-2
Guarda — LAMAS . . . . . . 0-2
Lamego — OLIVEIRENSE . . . 1-0
Pinhelenses — U. de Coimbra . 0-3
LUSITANIA — Celoricense . . . 8-0

| | J. | V. | E. | D. | Bolas | P. |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Lamas | 4 | 4 | 0 | 0 | 15-2 | 8 |
| U. Coimbra | 4 | 3 | 1 | 0 | 9-4 | 7 |
| Lusitânia | 4 | 3 | 0 | 1 | 11-2 | 6 |
| Marialvas | 4 | 2 | 1 | 1 | 5-2 | 5 |
| Lamego | 4 | 2 | 1 | 1 | 4-3 | 5 |
| Feirense | 4 | 2 | 0 | 2 | 10-8 | 4 |
| Oliveirense | 4 | 2 | 0 | 2 | 7-7 | 4 |
| Vildemoínhos | 4 | 1 | 1 | 2 | 6-10 | 3 |
| Celoricense | 4 | 1 | 1 | 2 | 5-12 | 3 |
| Mortágua | 4 | 0 | 2 | 2 | 2-10 | 2 |
| Guarda | 4 | 0 | 1 | 3 | 4-9 | 1 |
| Pinhelenses | 4 | 0 | 0 | 4 | 2-11 | 0 |

*Jogos para amanhã:*

Mortágua — FEIRENSE
Vildemoinhos — Guarda
LAMAS — Lamego
OLIVEIRENSE — Pinhelenses
U. de Coimbra — LUSITANIA
Marialvas — Celoricense

## Xadrês de Notícias

Na ausência do treinador José Nogueira, afastado do basquetebol por doença, o Galitos entregou a direcção das suas várias equipas aos seus antigos e actuais atletas abaixo indicados: Seniores — Arlindo Silva. Juniores — Vítor Ferreira. Juvenis — Carlos Maia (Bio). Iniciados — João Carvalho. Feminina — António Bastos.

O valoroso atleta Mário Cordeiro, destacado elemento do Estarreja e várias vezes campeão e recordista nortenho, que se encontra a cumprir o serviço militar em Lisboa, ingressou na equipa do Sporting.

Mário Cordeiro assinou a ficha pelos «leões» em 30 do mês findo e vai iniciar os treinos, sob orientação do Prof. Moniz Pereira, na próxima segunda-feira, 11 do corrente mês.

Na Secretaria da Comissão Distrital de Juízes de Basquetebol, ao Largo da Apresentação, n.º 24 — 2.º — Esq.º, nesta cidade, encontram-se abertas inscrições para um Curso de Árbitros, Marcadores e Cronometristas, a realizar brevemente.

As inscrições podem ser feitas às segundas, quartas e quintas-feiras, das 21.30 às 23 horas.

Ingressou recentemente no quadro da 3.ª categoria nacional dos árbitros de futebol o juiz de campo aveirense Manuel Gonçalves Pereira.

# O MEU «NÃO» À CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO dos DESPORTOS de AVEIRO

*De todas as vezes que tenho escrito para o LITORAL, a cuja Página Desportiva tenho de agradecer por sempre me ter facultado muito do seu pouco espaço, usei a fraseologia no plural. Isso é vulgar, porque também se quer indicar que não se está sòzinho no pensamento a expor. Mas, hoje, empregarei o singular, o meu «eu», porque desejo assumir inteira responsabilidade pelos novos argumentos que vou apresentar para, mais uma vez, rebater a ideia da criação da Associação dos Desportos de Aveiro com que, desde a primeira hora, sempre discordei.*

*É que, infelizmente, o problema — segundo apurei recentemente em Lisboa — é já um pouco diferente do que se tem falado, pois consiste em se querer equiparar o nosso Distrito, no campo desportivo, com todos os outros da província (exceptuam-se Lisboa e Porto) portanto, ùnicamente, com possibilidade de possuir uma Associação dos Desportos e não as Associações das modalidades.*

*E aqui levanto de novo a minha voz, pois tal conjuntura é injustíssima para a nossa região. Senão, vejamos: pratica-se, oficialmente, no nosso Distrito o Futebol, o Ciclismo, o Óquei em Patins, o Basquetebol, o Andebol, o Voleibol, o Atletismo, a Natação, o Óquei em Campo, a Vela, o Remo, o Ténis de Mesa, a Motonáutica, o Badminton e a Columbofilia e em qualquer dos outros não há nem sequer um terço destas modalidades, repito, oficialmente.*

*O problema, portanto, da não criação da Associação dos Desportos não está em se fazer a vontade aos membros da Comissão Organizadora da Associação de Patinagem, nem ao Manuel Bóia, que teima em dizer «não» a uma ideia que é pura teoria. Na prática só servirá para burocratizar a situação, já que continuará a haver um pelouro por cada modalidade (ao fim e ao cabo uma autêntica Associação...), mas com uma equipa de direcção acima, a não permitir o rápido despacho dos assuntos, consequentemente a ser um entrave ao progresso.*

*Numa altura em que é tão necessário rumar mais em frente, esta ideia da Associação dos Desportos não pode ser estabelecida porque é, de facto, um ultraje ao valor desportivo do nosso Distrito.*

*Precisamos que seja impulsionado para um plano mais perto de Lisboa e Porto e nunca rebaixado para o nível daqueles distritos em que os clubes são poucos e quase sempre os mesmos, os dirigentes também e onde, aí sim, estará muito bem uma Associação dos Desportos.*

*Para os que não conhecem o facto, esclareço que fui director da Associação dos Desportos da Guiné Portuguesa, em Bissau, mas aqui no Distrito em que nasci e onde, nós os mais novos, herdámos um passado escrito com tanto esforço pelos nossos antepassados em ordem a criarem as Associações das modalidades, que agora querem cerciar, não posso de maneira alguma dar a minha concordância e não me furto a expô-la pùblicamente.*

*Haverá quem, com imparcialidade, decida o que mais interessa ao engrandecimento do Desporto no nosso Distrito?*

MANUEL BÓIA

Secção dirigida por António Leopoldo

# DESPORTOS

## CAMPEONATOS DE AVEIRO

### I DIVISÃO

Na terceira jornada estrearam-se o Galitos (a perder...) e o Sangalhos (a ganhar...), ficando, neste momento, apenas o Illiabum totalmente vitorioso e o Esgueira sem qualquer triunfo.

Resultados gerais:

SANGALHOS — ESGUEIRA . . 26-22
ILLIABUM — GALITOS . . . 45-36

Tabela de pontos:

| | J. | V. | D. | Bolas | P. |
|---|---|---|---|---|---|
| Illiabum | 3 | 3 | 0 | 130-85 | 9 |
| Sangalhos | 2 | 1 | 1 | 65-63 | 4 |
| Galitos | 2 | 1 | 1 | 69-75 | 4 |
| Sanjoanense | 2 | 1 | 1 | 59-88 | 4 |
| Esgueira | 3 | 0 | 3 | 83-95 | 3 |

Esta noite, ficará de folga o Illiabum, efectuando-se os seguintes desafios:

ESGUEIRA — SANJOANENSE
GALITOS — SANGALHOS

### Sangalhos, 26 — Esgueira, 22

Jogo no Campo do Colégio, em Sangalhos. Árbitros — Aureliano Silva e Valdemar Vinagre.

Alinharam e marcaram:

*Sangalhos* — Alberto 2-3, Calvo 0-2, Eugénio 0-3, Maia 2-4, Vítor 2-6, Armando, Capela 2-0 e Martinho.

*Esgueira* — Ravara 6-2, Manuel Pereira 2-3, Fernando 1-0, Ferreira 2-0, Américo 2-0, Salviano 0-1 e Cadete 0-3.

1.ª parte: 8-13. 2.ª parte: 18-9.

Partida muito prejudicada pelas condições do tempo e pela deficiente iluminação do recinto, com vitória da equipa menos incerta no período final.

Arbitragem com falhas, mas aceitável.

### Illiabum, 45 — Galitos, 36

Jogo no Pavilhão de Ílhavo. Árbitros — Manuel Gonçalves e Carlos Neiva.

Alinharam e marcaram

*Illiabum* — Bizarro 7-4, José António 3-4, António Carlos 7-6, Ramos 6-2, Gouveia 6-0 e Nunes.

*Galitos* — Leitão 2-0, Vítor 12-2, Cotrim 2-2, Robalo 2-4, Antunes 2-4, Bio, José Luís Pinho 0-4 e Teles.

1.ª parte: 29-20. 2.ª parte: 16-16.

Jogo de enorme expectativa, que saiu gorada, quanto ao basquetebol produzido pelos dois cincos. O Illiabum denotando melhor ligação e procurando mais vezes a *cesta* (nem sempre bem, é certo, mas tentando obter pontos), acabou por vencer, meritòriamente. Os ilhavenses actuaram com maior velocidade e atacaram com maior determinação, com evidência para António Carlos, José António e Ramos.

O Galitos voltou a evidenciar profundas deficiências na manobra atacante: perfilhando toada lenta, na transposição da bola, não possuiu homens capazes de romper com êxito a defesa contrária (Cotrim actuou muito mal), nem dispôs de *tabeleiros* à altura, por retraimento dos seus elementos destinados a essa missão. Vítor — com um primeiro tempo de excelente nível, brilhante mesmo nos lançamentos a meia-distância — não durou sempre... E, após o intervalo, não esteve tão certo a concretizar, o que impediu o Galitos de discutir o triunfo, que esteve indeciso até perto do final...

Arbitragem inferior. Os árbitros sentiram demasiado a importância do desafio e erraram frequentemente, não mantendo critério uniforme nos seus julgamentos. Sem influírem directa ou decisivamente no desfecho do jogo, prejudicaram em maior escala a turma do Galitos, pelo evidente caseirismo de algumas decisões.

### Minibasquete

*Hoje, às 15 horas, iniciam-se os treinos de minibasquete, no Clube dos Galitos. Todos os jovens (dos 8 aos 12 anos) interessados devem comparecer no Rinque do Parque, àquela hora.*

## JUNIORES e JUVENIS

— Na quinta e sexta jornadas destas provas, com desafios efectuados nos dias 1 e 3 do corrente, apuraram-se os seguintes resultados gerais:

*Juniores*

ILLIABUM — GALITOS . . . 17-28
BEIRA-MAR — SANGALHOS . 12-41

GALITOS — ESGUEIRA . . . 34-32
SANGALHOS — SANJOANENSE 33-14

*Mapa de pontos:*

| | J. | V. | D. | Bolas | P. |
|---|---|---|---|---|---|
| Galitos | 5 | 5 | 0 | 331-112 | 15 |
| Esgueira | 5 | 4 | 1 | 187-108 | 13 |
| Illiabum | 4 | 2 | 2 | 151-78 | 8 |
| Sangalhos | 4 | 2 | 2 | 137-123 | 8 |
| Sanjoanense | 4 | 0 | 4 | 71-207 | 4 |
| Beira-Mar | 4 | 0 | 4 | 37-276 | 4 |

*Juvenis*

ILLIABUM — GALITOS . . . 20-26
SANJOANENSE — AMONIACO 30-25
BEIRA-MAR — SANGALHOS . 16-28

GALITOS — ESGUEIRA . . . 28-21
AMONIACO — ILLIABUM . . 33-26
SANGALHOS — SANJOANENSE 34-9

*Mapa de pontos:*

| | J. | V. | D. | Bolas | P. |
|---|---|---|---|---|---|
| Galitos | 6 | 6 | 0 | 242-101 | 18 |
| Esgueira | 5 | 4 | 1 | 197-82 | 13 |
| Amoníaco | 5 | 3 | 2 | 167-129 | 11 |
| Illiabum | 5 | 2 | 3 | 138-109 | 9 |
| Sangalhos | 5 | 2 | 3 | 138-177 | 9 |
| Sanjoanense | 5 | 1 | 4 | 78-202 | 7 |
| Beira-Mar | 5 | 0 | 5 | 60-220 | 5 |

*Jogos para amanhã:*

ESGUEIRA — AMONIACO
ILLIABUM — SANGALHOS
SANJOANENSE — BEIRA-MAR

## Xadrez de Notícias

Principia amanhã a diputar-se o Campeonato Feminino da Associação de Basquetebol de Aveiro, com uma jornada em que se defrontam:

ESGUEIRA — SANJOANENSE
GALITOS — ILLIABUM

Na segunda eliminatória da «Taça de Portugal», em futebol, marcada para 8 de Dezembro, as três equipas do nosso Distrito ainda em prova terão os seguintes jogos:

Fafe — LAMAS
FEIRENSE — Estrela de Portalegre
BEIRA-MAR — Covilhã

Continua na página dois

## REGISTO

*Resultados da 7.ª jornada:*

FAMALICÃO — BEIRA-MAR . 2-0
A. VISEU — SALGUEIROS . 3-2
COVILHÃ — PENAFIEL . 1-3
ESPINHO — TORRES NOVAS 1-1
LEÇA — TRAMAGAL . . . . 3-2
TIRSENSE — GOUVEIA . . 2-1
BOAVISTA — VALECAMBREN. 4-0

*Mapa de pontos:*

| | J. | V. | E. | D. | Bolas | P. |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Boavista | 7 | 5 | 1 | 1 | 20-9 | 11 |
| Famalicão | 7 | 5 | 0 | 2 | 16-9 | 10 |
| Salgueiros | 7 | 4 | 1 | 2 | 15-6 | 9 |
| BEIRA-MAR | 7 | 4 | 0 | 3 | 12-8 | 8 |
| A. Viseu | 7 | 4 | 0 | 3 | 11-10 | 8 |
| Penafiel | 7 | 3 | 2 | 2 | 9-8 | 8 |
| Tirsense | 7 | 3 | 2 | 2 | 8-8 | 8 |
| Leça | 7 | 4 | 0 | 3 | 11-12 | 8 |
| Tramagal | 7 | 3 | 1 | 3 | 13-13 | 7 |
| T. Novas | 7 | 2 | 3 | 2 | 8-8 | 7 |
| Gouveia | 7 | 3 | 1 | 3 | 6-10 | 7 |
| Valecamb. | 7 | 1 | 2 | 4 | 6-14 | 4 |
| Espinho | 7 | 1 | 1 | 5 | 6-13 | 3 |
| Covilhã | 7 | 0 | 0 | 7 | 5-18 | 0 |

*Jogos para amanhã:*

BEIRA-MAR — BOAVISTA
SALGUEIROS — FAMALICÃO
PENAFIEL — A. DE VISEU
TORRES NOVAS — COVILHÃ
TRAMAGAL — ESPINHO
GOUVEIA — LEÇA
VALECAMBRENSE — TIRSENSE

## Aveiro na I e III Divisão

— Na saída, que se reconhecia muito difícil, da Sanjoanense a Setúbal, a turma do nosso Distrito perdeu por 3-0, contra o Vitória sadino, continuando no 12.º lugar da tabela.

Amanhã, joga em S. João da Madeira a turma do União de Tomar, um «caloiro» que tem vindo a exceder o que dele se aguardava. É jogo de muita importância para a SANJOANENSE, que tem necessidade (e capacidade) para triunfar.

— Reultados da 4.ª jornada do

Continua na página dois

# FUTEBOL

## Campeonato Nacional da II Divisão

### Famalicão, 2 — Beira-Mar, 0

*Jogo no Estádio Municipal de Famalicão, sob arbitragem do sr. João Gomes, da Comissão Distrital do Porto.*

*As equipas alinharam deste modo:*

*FAMALICÃO — Arnaldo; Vítor, Filipe, Inácio e Frias; Ventura e Ferreirinha (Franklim); Aurélio, Miranda, Osvaldo e Leonardo.*

*BEIRA-MAR — José Pereira (Paulo); Bernardino, Joca, Abdul e Marques; Silva e Colorado; Amaral, Cleo, Eduardo (Morais) e Almeida.*

*Na metade inicial, ficou resolvido o desafio. As equipas equivaleram-se em futebol jogado, mas os famalicenses denotaram superioridade na finalização dos lances e foram mais perigosos: MIRANDA, aos 30 m., em jogada feliz, atirou sobre José Pereira, levando a bola às malhas; e, aos 33 m., na sequência de um livre apontado por Ferreirinha, LEONARDO fez o segundo golo da sua turma.*

*Após o intervalo, os minhotos continuaram, por alguns minutos, com ascendente. Na meia-hora final, os beiramarenses reagiram e comandaram as operações: todavia, claudicando na dianteira (que actuou sem sentido de perfuração e com grandes deficiências na zona da verdade), a equipa de Aveiro não teve o necessário talento para virar a sorte do desafio.*

*Arbitragem com imensas falhas, mas imparcial.*

# SUMÁRIO DISTRITAL

*I DIVISÃO*

*Resultados da 3.ª jornada:*

Alba — Anadia . . . . . . . 0-0
Paços de Brandão — Estarreja . 0-0
S. João de Ver — Pejão . . . 4-1
Ovarense — Cucujães . . . . 4-0
Valonguense — Recreio . . . 0-0
Bustelo — Arrifanense . . . . 1-1
Paivense — Cesarense . . . . 1-0
Oliv. do Bairro — Esmoriz . . . 2-0

*Classificação geral:*

Ovarense, 9 pontos; S. João de Ver, Oliveira do Bairro, Alba, Valonguense e Paivense, 7; Anadia, Esmoriz, Bustelo, Estarreja, Recreio de Águeda e Arrifanense, 6; Paços de Brandão, 5; Cesarense e Pejão, 4; Cucujães, 3.

*Jogos para amanhã:*

Anadia — Oliveira do Bairro
Estarreja — Alba
Pejão — Paços de Brandão
Cucujães — S. João de Ver
Recreio — Ovarense
Arrifanense — Valonguense
Cesarense — Bustelo
Esmoriz — Paivense

*RESERVAS*

Com a ausência da turma do Beira-Mar, campeão da época anterior, principia hoje (Zona A) e amanhã (Zona B) o torneio de «Reservas», disputando-se os seguintes desafios:

*Hoje — Zona A*

Sanjoanense — Ovarense
Valecambrense — Espinho
Oliveirense — Feirense

*Amanhã — Zona B*

Alba — Mealhada
Arouca — Macinhatense

*JUNIORES*

*Resultados da 2.ª jornada:*

ZONA A

Feirense — Esmoriz . . . . . 2-1
Paço sde Brandão — Lusitânia . 6-1
Lamas — Espinho . . . . . . 2-3

ZONA B

Valecambrense — Oliveirense . . 0-5
Arrifanense — Sanjoanense . . . 1-8
Bustelo — Cucujães . . . . . . 7-0

ZONA C

Alba — Avanca . . . . . . . 1-4
Ovarense — Beira-Mar . . . . 2-1
Vista-Alegre — Estarreja . . . 3-0

Continua na página dois

## Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 11 DO «TOTOBOLA»

*17 de Novembro de 1968*

| N.º | CLUBES | 1 | x | 2 |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Sanjoanense — Leixões | 1 | | |
| 2 | Braga — Atlético | 1 | | |
| 3 | Benfica — Guimarães | 1 | | |
| 4 | U. Tomar — Académica | | | 2 |
| 5 | Beira-Mar — Salgueiros | 1 | | |
| 6 | Famalicão — Penafiel | 1 | | |
| 7 | A. Viseu — T. Novas | 1 | | |
| 8 | Covilhã — Tramagal | 1 | | |
| 9 | Espinho — Gouveia | 1 | | |
| 10 | Boavista — Tirsense | 1 | | |
| 11 | Almada — Lusitano | 1 | | |
| 12 | Alhandra — Oriental | 1 | | |
| 13 | Peniche — Torriense | 1 | | |

## SERVIÇO DE FARMÁCIAS

| | |
|---|---|
| Sábado . . . . . | SAÚDE |
| Domingo . . . . | OUDINOT |
| 2.ª feira . . . . | NETO |
| 3.ª feira . . . . | MOURA |
| 4.ª feira . . . . | CENTRAL |
| 5.ª feira . . . . | MODERNA |
| 6.ª feira . . . . | ALA |

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

## PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi aprovado definitivamente o 1.º Orçamento Suplementar ao ordinário do corrente ano, da Comissão Municipal de Turismo, o qual apresenta, quer na receita, quer na despesa, a importância de 61 237$90.

● Foram aprovados três autos de medição de trabalhos, para efeito do pagamento aos empreiteiros, das seguintes obras: 1) — Construção do edifício destinado à Repartição de Finanças, Tesouraria da Fazenda Pública e outros — 24.ª situação, 102219$90; 2) — Construção do Bloco Escolar dos Areais de Esgueira — última situação, 105 184$20; e 3) — Pavimentação, a asfalto, de um troço da Rua de Santa Maria Madalena (total de trabalhos efectuados), 15 000$00.

● Foi aprovado o auto de recepção provisória da obra de «Pavimentação da Estrada Nova do Canal».

● Foi deliberado passar para o domínio público privado, após as diligências necessárias, uma parte da Rua das Pombas e um troço da Rua de S. Tiago, terrenos estes destinados, oportunamente, à construção do novo bloco do Hospital Regional de Aveiro.

● Foram apreciados 20 processos de obras que mereceram os seguintes despachos: 12 deferimentos, 2 indeferimentos e 6 informações.

● No dia 26 de de Outubro, foi celebrada na Câmara a escritura de venda de terrenos situados na Rua Dr. Alberto Souto, tendo em vista a construção do edifício Sede dos Serviços da Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro, pela importância de 2 095 000$00.

## PELA JUNTA AUTÓNOMA

NAVEGAÇÃO (2.ª quinzena de Outubro)

*Entradas: dia 16* — navio-motor português *São Jorge*, de 790 tAB; navio-motor português *Santa Maria Manuela*, de 667 tAB; navio-motor português *Capitão José Vilarinho*, de 1 210 tAB; navio-motor português *Conceição Vilarinho*, de 929 tAB; e navio-motor português *Rio Antuã*, de 743 tAB — todos provenientes dos pesqueiros do bacalhau; *dia 17* — navio-motor *Ilhavense*, de 823 tAB; navio-motor português *Celeste Maria*, de 678 tAB; navio-motor português *Capitão João Vilarinho*, de 1 188 tAB; navio-motor português *Avé Maria*, de 839 tAB — todos provenientes dos pesqueiros do bacalhau; e navio-tanque *Olga*, de 498 tAB proveniente de Roterdão, em lastro; e navio-tanque panamense *Kastel-Luanda*, de 499 tAB, proveniente de Génova, em lastro; *dia 18* — navio-motor português *Luísa Ribau*, de 714 tAB; navio-motor português *Cidade de Aveiro*, de 2 303 tAB — ambos provenientes dos pesqueiros do bacalhau; e navio-motor italiano *Silviglia*, de 499 tAB, proveniente de Leixões, em lastro; *dia 20* — navio-motor português *Maria Teixeira Vilarinho*, de 2 163 tAB, proveniente dos pesqueiros do bacalhau; *dia 22* — navio-tanque português *Rocas*, de 1 424 tAB proveniente de Lisboa, com combustíveis líquidos; *dia 23* — navio-motor português *Gorgulho*, de 1 196 tAB, proveniente de Leixões, com carga geral e lacticínios; *dia 25* — navio-tanque norueguês *Olga*, de 498 tAB, proveniente de Vigo, em lastro; *dia 26* — navio-tanque português *Rocas*, de 1 242 tAB, proveniente de Lisboa, com combustíveis líquidos; *dia 27* — navio-motor holandês *Atlantic Pearl*, de 499 tAB, proveniente de Ceuta, com carga geral, em trânsito; navio-motor português *Madalena*, de 1 199 tAB, proveniente do Funchal com carregamento de bananas; navio-tanque norueguês *Olga*, de 498 tAB, proveniente de Vigo, em lastro; e navio-motor português *António Pascoal*, de 1219 tAB proveniente dos pesqueiros do bacalhau; *dia 28* — navio-tanque português *Rocas*, de 1 424 tAB, proveniente de Lisboa, com combustíveis líquidos; *dia 30* — navio-tanque português *Rocas*, de 1 424 tAB, proveniente de Lisboa, com combustíveis líquidos; e, *dia 31* — navio-tanque português *Porto de Aveiro*, de 1 859 tAB, proveniente de Lisboa, em lastro.

*Saídas: dia 18* — navio-tanque norueguês *Olga*, para Vigo, com vinho a granel; e navio-tanque panamense *Kastel - Luanda*, para Moamédia, com vinho a granel; *dia 19* — navio-motor italiano *Siviglia*, para Lisboa, com carregamento de pasta de papel; *dia 21* — navio-motor português *Santa Mafalda*, para Lisboa, para aparelhar com distino à pesca do bacalhau; *dia 23* — navio-motor português *Gorgulho*, para Setúbal, com carga geral destinada às ilhas adjacentes; *dia 26* — navio-tanque norueguês *Olga*, para Vigo, com vinho a granel; e navio-tanque português *Rocas*, para Lisboa, em lastro. *dia 28* — navio-motor português *Madalena*, para Setúbal, com carga geral destinada às ilhas adjacentes; e navio-tanque português *Rocas*, para Lisboa, em lastro; *dia 29* — navio-tanque norueguês *Olga*, para Lobito, via Dakar, com carregamento de vinhos a granel; *dia 30* — *navio-motor Atlantic Pearl*, para Rochester, com carregamento de pasta de papel; e, *dia 31* — navio-tanque português *Rocas*, para Lisboa, em lastro.

MOVIMENTO DE ENTRADAS NO MÊS DE OUTUBRO

No mês de Outubro entraram a barra do Porto de Aveiro 37 navios, dos quais sete de nacionalidade estrangeira, que completaram uma tonelagem de arqueação bruta de 33 311 tAB, ou seja, o equivalente a 954 tAB por navio.

## CURSO DE ACTUALIZAÇÃO PARA PROFESSORES DO ENSINO PRIMÁRIO

Por determinação superior, vão realizar-se, ao abrigo do Plano de Fomento para 1968, cursos de actualização do pessoal docente do ensino primário.

Nesta cidade, haverá três cursos, repartidos por cinco turnos, neles tomando parte 750 professores. Os referidos cursos foram marcados para as seguintes datas: 11 a 15 de Novembro; 25 a 29 de Novembro; e 9 a 13 de Dezembro.

O primeiro curso efectua-se no Bloco Escolar da Glória, com turnos de manhã e de tarde, a iniciar às 9.30 e às 14 horas, respectivamente.

## «DIA DO ARMISTÍCIO»

A Agência de Aveiro da Liga dos Combatentes promove, na próxima segunda-feira, pelas 11 horas, as costumadas cerimónias comemorativas do «Dia do Armistício», junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Em seguida, haverá a habitual romagem de saudade ao «Talhão dos Combatentes», no Cemitério Sul, e um almoço de confraternização.

## ANIVERSÁRIO DA CASA DO POVO DE ESGUEIRA

A Casa do Povo de Esgueira está a festejar a passagem do seu 26.º aniversário.

Ontem, pelas 21.30 horas, efectuou-se uma sessão solene, presidida pelo Delegado em Aveiro do I. N. T. P., sr. Dr. Fernando Ruy Corte-Real Amaral, em que fez uma palestra o sr. Dr. António da Rocha Cabral, Chefe da Missão de Acção Social. Em seguida, foi exibido o filme português «O Grande Elias».

Amanhã, pelas 10 horas, disputa-se um jogo de basquetebol (Esgueira — Amoníaco, em juvenis). Pelas 11 horas, celebra-se missa por alma dos sócios falecidos; e, às 12 horas, haverá distribuição de um bodo aos sócios mais necessitados. Finalmente, com início às 21.30 horas, efectua-se uma «soirée» dançante, abrilhantada pelo Conjunto «The Kart's».

## «NOVA ANTENA»

Deixaram de publicar-se, recentemente, a revista «TV», órgão oficial da Radiotelevisão Portuguesa, e a revista «Antena», órgão do Rádio Clube Português. Em sua substituição, apareceu, na semana finda, o primeiro número da «Nova Antena» — uma revista de televisão e rádio, dirigida por José Maria de Almeida.

Este número da nova publicação, semanário oficial da Radiotelevisão Portuguesa, do Rádio Clube Português e da Rádio Renascença, possui excelente aspecto gráfico e magnífica colaboração, garantindo ao público ouvinte e espectador a certeza de constante interesse da «Nova Antena».





## ESCOLA CENTRAL DE SARGENTOS

Ontem, em Agueda, realizou-se a cerimónia da abertura solene de novo ano lectivo da Escola Central de Sargentos.

Presidiu às diversas solenidades o Vice-Chefe do Estado Maior do Exército.

## ESPECTÁCULO PARA OS «BOMBEIROS NOVOS»

No próximo dia 22, e integrado nas festas comemorativas de mais um aniversário da prestimosa Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, realiza-se no Teatro Aveirense um espectáculo de variedades.

Virá a esta cidade o popular *Programa Festival*, das «Produções Fernando Gonçalves», actuando os conhecidos e apreciados artistas nortenhos Maria de Fátima, Manuela Moura, Neca Rafael, Tony Monteiro, Rosita Barros, Fernando Aníbal, David Monteiro e Maria Manuela e os locutores Natália Maria, Fernando Gonçalves e Ferreira Henriques.

## Foi adiado o III COLÓQUIO DE FARMACÊUTICOS

A *Comissão de Defesa dos Interesses das Farmácias dos Concelhos de Aveiro e Ilhavo* comunica-nos que, por motivo da realização, nesta cidade, de um acto oficial que decorre exactamente à hora em que teria início o *III Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Profissional*, foi julgado conveniente transferir este Colóquio para o próximo dia 23, mantendo-se o programa e horário anteriormente indicados, que o *Litoral* já publicou na semana transacta.

## SECRETARIADO DOS CURSOS DE CRISTANDADE

O Secretariado Diocesano dos Cursos de Cristandade tem os seguintes novos dirigentes, durante o próximo ano:

*Direcção* — Presidente — Eng. Joaquim da Silva Mendonça, Secretário — Alberto Alves Pino, Tesoureiro — José Fidalgo Ribau. Delegados — Armando Vigário, Diogo Alvaro Viana de Lemos, Joaquim Esperança, António Abrantes, D. Maria Alice Viana de Lemos e D. Lavínia Frazão.

*Delegados dos Núcleos* — Murtosa e Estarreja: Raul da Silva Teixeira e D. Maria Antonieta Mendonça. Agueda: Dr. António Arede Fernandes e D. Maria Luísa Leitão. Anadia: Dr. Odilon Amado e D. Emília Verdade. Ilhavo: Armando Rocha. Sever do Vouga: Levi Santos.

## PELA P. S. P.

Tem estado no Comando de Aveiro da P. S. P., a frequentar o estágio regulamentar, o sr. Capitão Abílio Amorim de Campos, que vai assumir o Comando da P. S. P. do Funchal, na Ilha da Madeira.

## Compra-se

Prédio para rendimento entre 1 200 e 1 500 contos, na base de 6 %, novo ou de construção recente. Tratar nesta Redacção.



## Vende-se

**Residência em Ílhavo**

— próximo do Hospital, com quintal murado, área de 3 318 m², com 170 fruteiras, com bastante água e com duas frentes que dão óptimas construções. — Dirigir-se na mesma a João Ferreira Amador.



## Oferece-se

Viajante, com carta profissional de ligeiros e pesados. Informa esta Redacção.



## Oferece-se

Rapaz, com carta de condução de ligeiros e pesados, e com conhecimentos de Escritório, deseja colocação. Tratar pelo telef. n.º 66157.



### CONSERVATÓRIO REGIONAL

Na penúltima quinta-feira, 31 de Outubro findo, esteve nesta cidade o sr. Dr. José de Azeredo Perdigão, Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, que visitou as obras do magnífico edifício para o Conservatório Regional de Aveiro — construção que se está a realizar a expensas daquela benemerente instituição e à qual o seu ilustre e prestigioso Presidente tem prestado o mais decidido patrocínio.

### FRATERNIDADE SACERDOTAL

Em 19 do corrente, pelas 15.30 horas, realiza-se uma assembleia geral extraordinária da Fraternidade Sacerdotal da Diocese de Aveiro, a fim de serem discutidas e votadas as normas-base para a sua integração numa federação com as organizações congéneres de Coimbra e Leiria e os consequentes ajustamentos dos respectivos estatutos.

### ESPECTÁCULO ADIADO

Em consequência do seu enorme êxito em Lisboa, onde se mantém em cena no «Teatro Villaret», o Teatro Experimental de Cascais foi forçado a transferir para o próximo dia 25 a apresentação em Aveiro da peça «D. Quixote», anunciada para a passada terça-feira, 5 do corrente.

### FALECIMENTO

**D. Isaura Amador e Melo**

Após prolongada enfermidade, faleceu na penúltima sexta-feira, 1 do corrente, no Hospital de Santa Joana Princesa, onde nesse mesmo dia dera entrada, por se terem agravado os seus padecimentos, a sr.ª D. Isaura Rodrigues Amador e Melo.

A bondosa senhora, viúva de um dos mais conceituados e exemplarmente honestos comerciantes da nossa praça, o saudoso Amadeu Amador, era mãe das sr.as D. Maria Berta Amador Dias de Melo, casada com o sr. Alvaro dos Santos Dias de Melo e D. Ana Vitória Rodrigues de Melo Amador Teixeira, casada com o Oficial da Marinha Mercante sr. Vítor Alexandrino Teixeira, e do sr. Amadeu de Melo Amador.

O funeral da virtuosa senhora, realizado no dia seguinte, após missa de corpo presente celebrada na igreja de Santo António, para o Cemitério de Eirol, constituiu expressiva manifestação de pesar.

*À família enlutada os sentimentos do Litoral*

### AGRADECIMENTO

*Irene Nunes de Sousa Santos*

Seu marido, filhos e genro vêm por este meio, expressar o seu reconhecimento a todas as pessoas que, de algum modo, lhes manifestaram o seu pesar pela saudosa extinta.

### NOVO HORÁRIO DAS MISSAS EM AVEIRO

Nas paróquias da Glória e Vera-Cruz, passou a vigorar o seguinte novo horário para as missas dos domingos e dias santos:

7.00 — Carmelitas
7.30 — Vera-Cruz
8.00 — Sé
8.30 — Carmo
9.00 — Sé
9.30 — Vera-Cruz, Barrocas e Santo António
10.00 — Carmo e Jesus
11.00 — Sé e Vera-Cruz
11.30 — Carmo
12.00 — Sé e Vera-Cruz
12.30 — Misericórdia
18.30 — Carmo
19.00 — Sé e Vera-Cruz

As missas de preceito, nas vésperas dos domingos e dias santos, terão este horário:

18.00 — Sé
18.30 — Carmo
19.00 — Vera-Cruz



## TERRENO

Vende-se um, plano, com 10 800 m², nas Areias de Vilar, limite da cidade. Próprio para construção de um bairro e próximo de outros já existentes. Falar com Manuel Simões Tomás — Póvoa do Valado.





### cartões de visita

DR. AMARAL BRITES

*No passado mês de Outubro, concluiu a sua formatura em Ciências Geológicas, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, o nosso conterrâneo sr. Dr. João Adalberto Teixeira do Amaral Brites, casado com a sr.ª Dr.ª D. Heloísa Vieira Brito do Amaral Brites e filho da Prof.ª sr.ª D. Cândida Teixeira Lopes do Amaral Brites e do sr. Capitão João Baptista do Amaral Brites, antigo Comandante da Guarda Fiscal nesta cidade.*

As nossas felicitações

### CENTROLAR - Comércio de Representações e Vendas, Lda.

**Cartório Notarial de Ílhavo**

**Notário: Lic. Manuel Faim Pessoa**

*CESSÃO DE QUOTA*

Certifico, para efeito de publicação, que por escritura de 4 do corrente mês, lavrada de fls. 10 v. a 12, do livro de notas de escrituras diversas, A-44, deste Cartório, José Ferreira da Silva, casado, natural da freguesia de Macinhata do Vouga, do concelho de Águeda e residente na Rua José Luciano de Castro, n.º 120, da freguesia de Esgueira, do concelho de Aveiro, cedeu a João Vieira da Rocha, também casado, natural da freguesia de Aradas, do mesmo concelho de Aveiro e nela residente no lugar de Verdemilho, a quota que possuía na Sociedade, com sede no dito lugar de Verdemilho, denominada «CENTROLAR — COMÉRCIO DE REPRESENTAÇÕES E VENDAS, L.DA», bem como os suprimentos por ele feitos à mesma, tendo ainda renunciado aos poderes de gerência.

Que desta forma a Sociedade ficou reduzida a um único sócio, que é o mencionado João Vieira da Rocha, e por consequência sujeita à sua dissolução se não fôr reconstituída no prazo legal.

Está conforme, e declara-se que na escritura nada há em contrário ou que condicione o que aqui se narrou.

Cartório Notarial de Ílhavo, sete de Novembro de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante,
*Egídio Esteves Rebelo*

Litoral — Ano XV — 9 - 11 - 68 — N.º 731



## Francês e Inglês

Por diplomada em Lausanne (Études Françaises) e Cambridge (Proficiency), com prática de ensino em colégio na Inglaterra. Telefone 27029.

# Hospital Regional de Aveiro

## Admissão de um Contabilista

Tendo a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, tomado a deliberação de, dentro de trinta dias a contar desta data, abrir um concurso documental para a admissão de um Contabilista, com o vencimento mensal de Esc. 3 600$00 e mais 25 %, devem os respectivos interessados entregar na respectiva Secretaria, os seguintes documentos:

a) — Requerimento solicitando a sua admissão ao concurso
b) — Certidão de nascimento
c) — Diploma dos I. C. ou Curso do Comércio
d) — Certidão do Registo Criminal
e) — Atestado de já ter cumprido o Serviço Militar ou ter sido dispensado, no caso de o interessado ser do sexo masculino
f) — Apresentação do «Curriculum-Vitae»
g) — Documento de residência em Aveiro, ou de compromisso de fixação dentro de sessenta dias após a posse do lugar.

Aveiro, 4 de Novembro de 1968

PELA MESA ADMINISTRATIVA
O Provedor,
*Egas da Silva Salgueiro*

# «FRIOPESCA — Refrigeração de Aveiro, Limitada»

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

**Primeiro Cartório**

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de vinte e dois de Outubro de mil novecentos e sessenta e oito, de folhas quarenta e cinco, verso, a quarenta e oito, verso, do livro próprio número Quatrocentos e sessenta e nove-A, deste Primeiro Cartório, outorgada perante o notário Licenciado Joaquim Tavares da Silveira, foi constituída, entre Sociedade de Pesca Miradouro, Limitada, Manuel José Marques Esteves e Antonino Rosa, uma Sociedade Comercial, por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «Friopesca — Refrigeração de Aveiro, Limitada»; e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje;

SEGUNDO

A sua sede vai ser na freguesia da Gafanha da Nazaré, concelho de Ílhavo, e terá domicílio provisório na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, número oitenta e sete, primeiro, esquerdo, desta cidade de Aveiro;

TERCEIRO

O objecto da sociedade é a conservação, congelação, industrialização e comercialização de produtos alimentares, designadamente peixe e fabrico de gelo e qualquer outro ramo de comércio ou indústria, podendo também participar noutras sociedades sob qualquer forma;

QUARTO

O capital social é do montante de três milhões de escudos, dividido em três quotas, que são: uma de Dois mil quatrocentos e noventa contos da sócia «Sociedade de Pesca Miradouro, Limitada», outra de Trezentos contos do sócio Manuel José Marques, e outra de Duzentos e dez contos do sócio Antonino Rosa.

O capital foi integralmente subscrito em dinheiro, mas cada um dos sócios apenas realizou nesta data cinquenta por cento do valor subscrito e indicado da sua respectiva quota, cujas importâncias deram entrada na Caixa Social;

QUINTO

A Gerência da Sociedade será eleita em Assembleia Geral; e qualquer dos Gerentes poderá vir a delegar os seus poderes, por meio de procuração, mesmo em pessoa estranha à sociedade;

Para que a sociedade fique obrigada é necessária a assinatura de dois gerentes ou seus representantes legais;

A gerência é dispensada de caução; e a retribuição dos gerentes será fixada em Assembleia Geral;

SEXTO

Fica expressamente proibido aos gerentes exercerem pessoalmente ou por interposta pessoa o ramo de negócio que constitua qualquer das actividades desta sociedade, sem o consentimento dela;

SÉTIMO

É dever dos sócios nada fazerem em prejuízo do bom nome, crédito e prestígio da sociedade;

Parágrafo único — A infracção do estabelecido no corpo do artigo, quando vier a ser reconhecida por sentença judicial com trânsito em julgado dá à sociedade o direito de amortizar a quota ou quotas dos infractores, pelos valores constantes do Balanço seguinte à deliberação da Assembleia Geral em que for votada a amortização;

OITAVO

Salvos os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas, apenas, por meio de cartas registadas, com quinze dias de antecedência;

NONO

A cessão de quotas, total ou parcial, depende do consentimento da sociedade, que tem, também, o direito de preferência.

Parágrafo Primeiro — Em caso de cessão a estranhos, o direito de preferência passará para os sócios, no caso de a sociedade do mesmo não pretender usar;

Parágrafo Segundo — Se mais de um sócio estiver interessado na aquisição da quota a ceder, proceder-se-à a rateio;

Parágrafo Terceiro — O valor da quota, para efeitos de preferência, será o que resultar de balanço dado para o efeito;

Parágrafo Quarto — O sócio que pretender ceder a sua quota deverá notificar esse facto à sociedade, em primeiro lugar, por meio de carta registada, com aviso de recepção, e esta deverá pronunciar-se no prazo de oito dias a contar do recebimento da notificação;

Parágrafo Quinto — Se, decorrido esse prazo, a sociedade não responder ou manifestar desinteresse, deverão ser notificados os outros sócios, nos mesmos termos do Parágrafo Quarto;

DÉCIMO

No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, os seus herdeiros ou representantes exercerão em comum todos os direitos inerentes à respectiva quota, enquanto esta estiver indivisa, mas serão representados por um deles, entre todos escolhido.

DÉCIMO PRIMEIRO

A sociedade tem o direito de amortizar qualquer quota sobre que venha a impender ou que for sujeita a penhora, arresto ou apreensão, arrematação ou venda judicial, administrativa ou fiscal, depositando o seu valor com base no último balanço, à ordem de quem de direito, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

DÉCIMO SEGUNDO

A realização dos restantes cinquenta por cento do capital das quotas dos sócios terá lugar quando e nos termos julgados convenientes pela gerência, mas dentro de um ano;

DÉCIMO TERCEIRO

Para todas as questões emergentes deste contrato fica estipulado o foro da comarca de Aveiro.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida em contrário ou além do que aqui se transcreve ou narra.

Aveiro, vinte e nove de Outubro de mil novecentos e sessenta e oito.

O 2.º Ajudante,
*Celestino de Almeida Ferreira Pires*

Litoral — Ano XV — 9-11-68 — N.º 731





**Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro**

ANÚNCIO

Proc. n.º 47/68
2.ª Secção — 2.º Juízo

Faz-se público que nos autos de Acção Especial (Justificação de Ausência), número quarenta e sete/mil novecentos e sessenta e oito, que corre seus termos pela Segunda Secção do Segundo Juízo da comarca de Aveiro, requerida por Manuel Ferreira das Neves, casado, agricultor e cerâmico, residente no Carregal, freguesia de Requeixo, desta comarca, e Esmeralda Ferreira das Neves e marido, Walter da Silva (ou Balter Ferreira da Silva ou Baltar Ferreira da Silva), ela doméstica e ele agricultor, residentes em Caracas — Venezuela (Toro-a-Cordones, setecentos e sessenta e cinco — Alta Gracia), foi, em dois de Novembro de mil novecentos e sesssenta e oito, proferida sentença, julgando justificada a ausência em parte incerta de Manuel Figueiredo das Neves, casado, agricultor, ausente em parte incerta do Brasil e com última residência conhecida em Carregal, freguesia de Requeixo, desta comarca.

Aveiro, 2 de Novembro de 1968

O Escrivão de Direito,
*Armando Rodrigues Ferreira*

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
*Abel Pereira Delgado*

Litoral — Ano XV — 9-11-68 — N.º 731

**Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro**

ANÚNCIO

Proc. n.º 8/68
2.ª Secção — 2.º Juízo

1.ª Publicação

Faz-se público que pelo Juízo desta comarca de Aveiro e 2.ª Secção, nos autos de execução Sumária que José de Pinho Nascimento, viúvo, negociante de peixe, residente no Cais dos Botirões, em Aveiro, move contra Carlos Manuel da Conceição Serafim, casado, negociante de peixe, residente na Rua do Sul, número quarenta e quatro, em Matosinhos, da comarca do Porto. correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real na execução.

Aveiro, 5 de Novembro de 1968

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
*Abel Pereira Delgado*

O Escrivão de Direito,
*Armando Rodrigues Ferreira*

Litoral — Ano XV — 9-11-68 — N.º 731



**Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro**

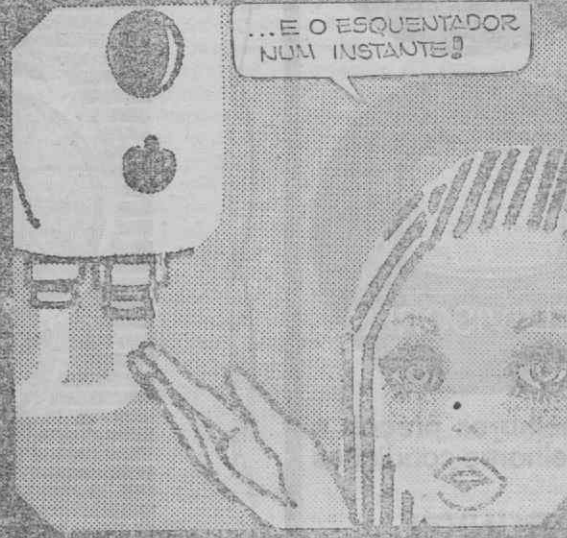
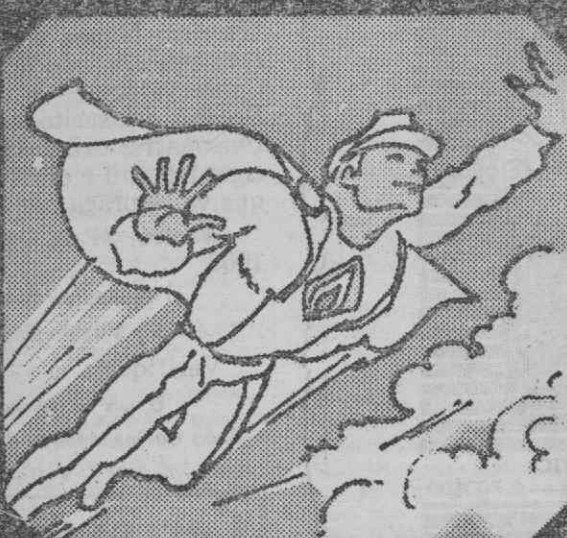
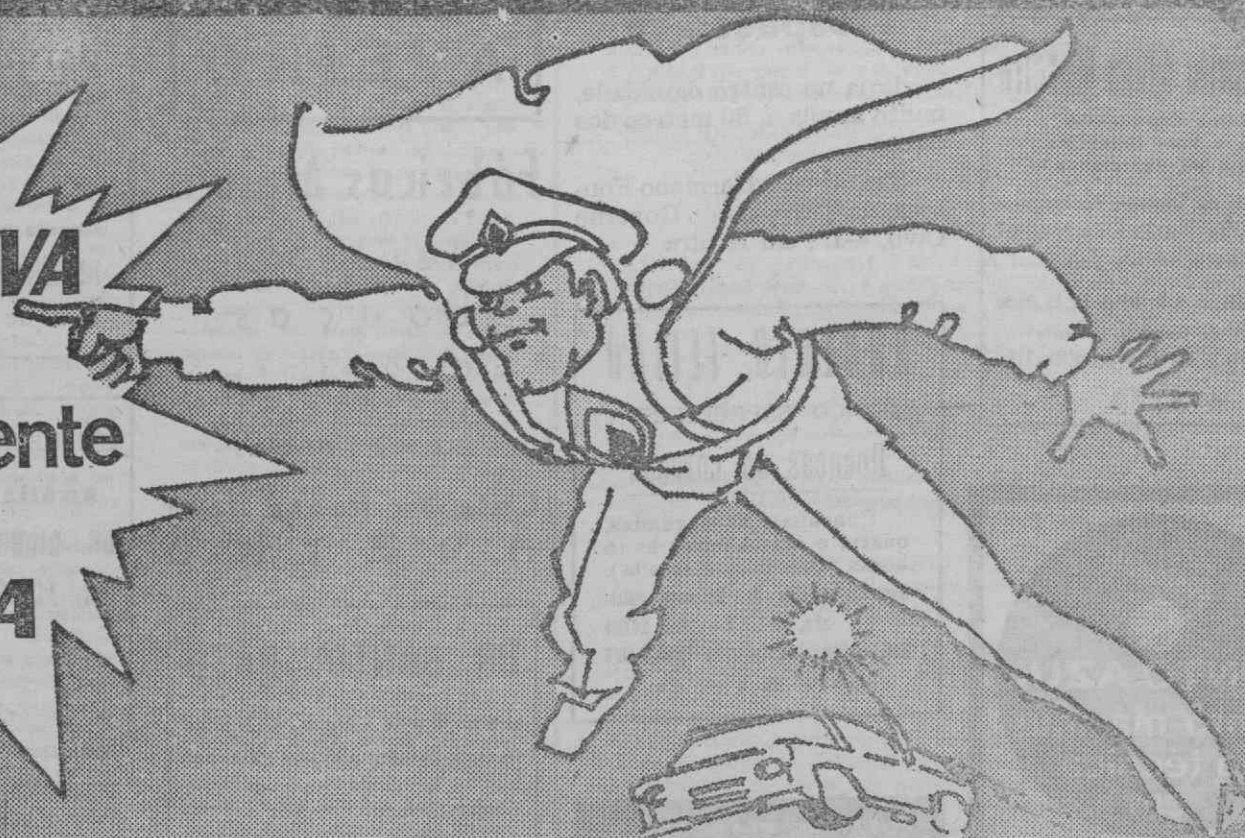
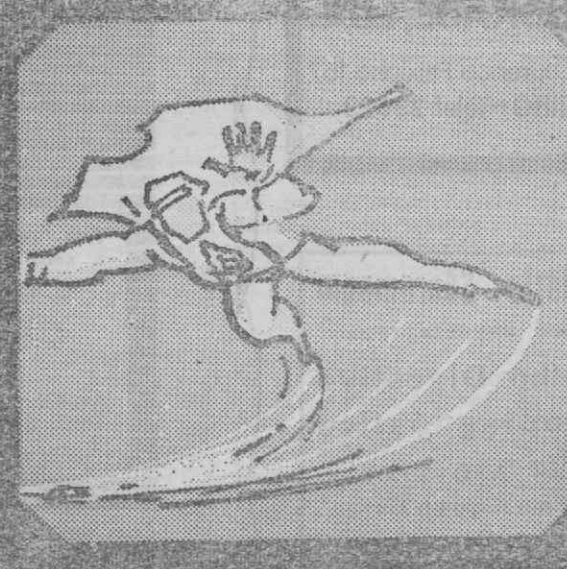
ANÚNCIO

Faz-se público que pela 1.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal, e nos autos de Falência do falecido José Ucha Otero, que era viúvo, comerciante e morador na Costa Nova do Prado, desta comarca, correm éditos de OITO DIAS, a contar da publicação do presente anúncio, notificando os credores e os representantes do falido para, no prazo de CINCO DIAS, posterior ao dos éditos, se pronunciarem sobre as contas da gerência apresentadas pelo administrador da massa, sr. Manuel da Cruz e Sousa, morador em Aveiro.

Aveiro, 31 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,
*Abel Pereira Delgado*

O Escrivão da 1.ª Secção,
*Luís Henrique Ferreira*

O CHAMAVIVA
o seu assistente técnico
GAZCIDLA
O FOGÃO AVARIOU-SE!
É DO GAZCIDLA? MANDEM-ME O ASSISTENTE TÉCNICO POR FAVOR.
CHAMANDO O CHAMAVIVA! CHAMANDO O CHAMAVIVA!
O CHAMAVIVA VEIO LOGO E REPAROU-ME O FOGÃO...
...E O ESQUENTADOR NUM INSTANTE!
O Assistente GAZCIDLA é um técnico eficiente e especializado.
Pode confiar nele.
Atende com rapidez os seus pedidos.
Repara qualquer avaria.
É também um bom amigo.
GAZCIDLA
GAZCIDLA
uma chama viva onde quer que viva
CIESA-NCK

## Trespassa-se

Loja no centro da cidade, muito ampla, a 60 metros dos Arcos.

Tratar com Germano Fonseca, na Travessa do Governo Civil, 4-1.º, em Aveiro.



### Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

**ANÚNCIO**

2.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 19 de Novembro próximo, pelas 11 horas, no Palácio de Justiça desta comarca de Aveiro e nos autos de Execução de Sentença pendentes na segunda Secção do 1.º Juízo desta comarca, que o exequente Alexandrino Caçoilo Margaça, casado, industrial, morador na Marinha Velha, da freguesia da Gafanha da Nazaré move contra os executados José da Silva Cardoso e mulher, Carmélia Filipe Nunes, moradores no lugar do Bebedouro, da dita freguesia da Gafanha da Nazaré, vai ser posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado, pelo maior lanço oferecido ,acima do valor indicado, o seguinte:

IMÓVEL

Uma casa térrea, sita no lugar da Chave, da freguesia da Gafanha da Nazaré, do concelho de Ílhavo, que confronta do norte com João Pata, do sul com Manuel Nunes Pinguelo, do nascente Mercírio Nunes e do poente com estrada, não descrita na Conservatória do Registo Predial e inscrita na respectiva matriz urbana sob o artigo dois mil e oitenta e dois, que vai à praça por 8 160$00.

Aveiro, 24 de Outubro de 1968

O Escrivão de Direito,

*Alcides Viriato Sequeira*

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

*João Carlos Afonso da Rocha*

Litoral — Ano XV — 9-11-68 — N.º 731

# Cada cabeça... sua sentença

Continuação da última página

guesa, é que, como nas páginas juvenis do Diário de Lisboa e República, têm despontado alguns valores, que há a considerar, ainda que jovens. No entanto, neste jornal têm aparecido umas coisitas a que têm a coragem de chamar poesia. O que vale é que esses valores que despontam são pelo menos suficientes para abarcar esses poetas (?) que conseguem ludibriar a massa ledora. Desses valores que despontam, ainda jovens, terei a destacar muito especialmente Luis de Miranda Rocha, que ainda agora publicou um livro intitulado «O corpo e o muro». Além disso há que ver um Félix Borges ou um António Topa, que Mário Castrim há bem pouco tempo elogiou no Juvenil do D. L.. Transportando a nossa poesia para o plano internacional, temos que apenas um Fernando Pessoa é conhecido lá fora. Apesar daquelas referências há um total desinteresse do público em adquirir poesia, o que me entristece. Mas lá diz o ditado que enquanto há vida há esperança. E temos tanto de bom por aí fora... Vive-se um problema bastante grave, dado que a juventude não é mentalizada para poder acolher de bom grado os nossos melhores poetas. E há tantos por aí que despontam e que precisam de ajuda... Asfixia-se no plano cultural. A poesia é mais uma vítima.

## UM FUNCIONÁRIO PÚBLICO

A poesia é um caminho por onde um homem vai. O homem vive, mexe-se, agita-se, indigna-se, deslumbra-se. O homem de quem falo canta, chora, ri, vai assobiando. Passam operários e o homem grita-lhes bom-dia. Passam outras pessoas : ora as insulta, ora lhes sorri.

Mas, ás vezes, no caminho não passa ninguém : o homem engole silêncio, fala silêncio. E vem a noite e alguém grita e o homem estremece e corre, vai ver donde vêm os gritos e quer ajudar. O caminho não tem fim e o homem vai indo : passa cidades, vilas, encontra uma casa perdida no meio da noite. Bate à porta. Pede dormida, mas não dorme. Fala com as pessoas. E logo o homem vem outra vez à rua e deslumbra-se perante o espectáculo do mundo.

## UM AMADOR DE TEATRO

Para que possa, em verdade, falar do muito pouco que sei de poesia, terei que catalogá-la como possuidora de duas qualidades :

1. a que não é (na minha opinião) actuante ;

2. a que se libertou da forma convencional e que actua. Sobre o primeiro caso (poesia rançosa cuja finalidade única é exibir o virtuosismo do rimador em imagens retóricas), não me pronunciarei ; não a consigo tragar, por inócua.

Quanto ao segundo, admito-a como necessidade natural de expressão humana espontânea e exijo-a portadora duma mensagem (humana, necessàriamente), duma estética de movimento e duma cobertura sociológica válida. É assim que eu entendo a poesia.

Concretemente, agrada-me a que nos traz mais do que o simples manipular de palavras mais ou menos rebuscadas, mais ou menos falhas de condição. Exemplos : os lugares-comuns-rimados que infelizmente ainda aparecem publicados e que, alarmantemente, ainda têm os seus adeptos.

E não resisto à tentação de transcrever Jan Blonski, que diz quase tudo quanto ou poderia acrescentar : «A poesia é, sem dúvida, indefectivel, mas nunca se disse que tem obrigatòriamente de falar pela boca dos poetas.»

## UM ESTUDANTE EM COIMBRA

Penso que a poesia é afinal uma das muitas formas de comunicação dos homens entre si. O que caracteriza a poesia individualmente será talvez ou conseguir transmitir uma ideia ou apresentar uma situação de forma mais sintética e simples, e, não obstante, completa ; talvez o usar palavras e meios de expressão mais vivos, que nos tocam mais imediatamente e mais fundo. Quer dizer : parece-me que a poesia pressupõe, além de compreensão da realidade, um trabalho de reflexão e imaginação acerca dos meios de expressão dessa realidade. O valor de uma dada forma de poesia estaria por um lado na verdade da coisa comunicada, e, por outro lado, na forma mais ou menos inovadora, mais ou menos feliz, de a comunicar. Penso também que a poesia pode existir não só num poema escrito como também num quadro, numa escultura, num filme, num texto em «prosa», sei lá...

Parece-me que não é poesia : transmitir coisas verdadeiras, mas de uma forma maciça, já gasta, fria ; ou transmitir coisas pouco verdadeiras e banalidades, embora de uma forma rebuscada e trabalhada.

## UM PINTOR

Bem, eu penso que a poesia é como que um estandarte profético que todo o ser humano, com certa sensibilidade artistica, utiliza para mostrar aos seus semelhantes factos e situações que têm predominância na evolução da própria humanidade. Vejamos que os nossos ancestrais não deixavam de ser poetas quando adoravam o Sol, e que mais tarde todo esse encantamento deu lugar à astronomia. O que antigamente foram mitos cantados em noites de luar, são hoje forças utilizadas pela mão do homem para seu progresso. Do ser contemplativo e emotivo, que se divertia a exaltar as extraordinárias manifestações da Natureza, um novo ser surgiu decidido a dominar essas próprias manifestações, fazendo emudecer esse êxtase que lhe era doentio — o ser racional. Hoje em dia o poeta do sol, da lua, das estrelas, do trovão, da primavera, já nada nos traz de novo. O poeta emotivo morreu. Os que ainda existem estão a dar o berro. O poeta racional, que começou a dar os primeiros passos, ser também um profeta, mas um profeta iluminado pelo conhecimento da verdade.

A boa poesia que temos hoje é essencialmente uma poesia de «petardo», uma poesia necessária para a época em que vivemos, poesia cuja finalidade é acordar os «pois pois... mas o Eusébio é que mete golos...». A poesia tem primordial importância como vergasta nas mãos de mestre Zen, com o fim de acordar o neófito adormecido. A humanidade vive em constante distracção e apatia. Sim senhor, eu sou apaixonado de toda a poesia que deixa as marcas da sua vergasta : a dor sempre fez abrir os olhos.

## UM ESTUDANTE SERENO

A pergunta é de tal modo ampla que é dificil abordá-la em todas as suas implicações. Daí que me fique por considerações mais de ordem social do que de ordem estética (se é que ambas se podem dissociar).

A generalidade das pessoas agarrou-se a uma concepção de poesia que seria actual no século XIX, mas que, hoje, interessa sòmente de um ponto de vista histórico.

Culpado disso temos o ensino, as estruturas deficientes em que nos inserimos. E depois a que assistimos ? A uma má receptividade da poesia contemporânea. Ou seja : afere-se o valor da poesia actual em função de esquemas ultrapassados. Como se a poesia permitisse que a reduzissem a esquemas. Como se a poesia necessitasse que a explicassem. Caberia aqui citar Mário Sacramento (no Diário de Lisboa, não me recordo em que artigo): «A arte não é redutível à critica.»

A poesia, como linguagem especifica que é, exprime o que não é possível exprimir de outro modo. E é nisso que as pessoas não acreditam. Escandalizam-se, até. Seguem o caminho mais fácil — o da compreensão mais imediata, mais simplista, mais liceal. A poesia é, para essa maioria de pessoas, António Nobre e Soares de Passos. E não é que, no entanto, se deva negar esse dois poetas. Mas é preciso olhá-los por uma perspectiva histórica. Quem conhece Herberto Helder, Eugénio de Andrade, Gastão Cruz ? Ou mesmo Manuel da Fonseca ou José Gomes Ferreira ? A poesia continua a ser, em Portugal, como diria Francisco Manuel de Melo (há quantos séculos !), coisa para damas e ociosos. Damas suspirantes de casamento, ociosos com pretensões a intelectuais.

Gostaria de focar aqui um ponto muito concreto : o ensino de literatura no Liceu. Não se vai além de um Cesário Verde (e mesmo assim aprendido muito por alto).

E mais imperdoável ainda : o desconhecimento total de Fernando Pessoa. Como poderão, pois, os alunos compreender a poesia moderna, caso não sejam autodidactas ? Ou estaremos condenados a ser em poesia, como em outros ramos da cultura, autodidactas ? O teu artigo sobre poesia, Júlio Henriques, no «Litoral», não pode ser um acto isolado. Tem de continuar. E se possível com transcrição de poemas actuais. Bem sei que a nossa sociedade tem outras exigências, talvez mais prementes. Mas, no entanto... No entanto, é preciso salvar a poesia.

## UM BURGUÊS À FORÇA

A poesia é uma realidade inteira, isto é, é uma espécie de «coisa». Não é uma transposição, figuração ou recriação do real ; é uma criação do real, isto é, uma realização. Eu julgo que a essência da poesia é ser; é esgotar-se esgotando o homem, na medida em que este esgotar-se não seja impor-se ou impor-lhe uma linha de força em exterioridade, pois como disse António Ramos Rosa a poesia é liberdade livre. A poesia é e tende a ser uma e em totalidade.

Falar da poesia como função local, é, quase, torná-la ou pretendê-la «engagée». Mas não confundamos poesia com ensaio, ensaio com panfletarismo e por aí adiante. Se um Armando da Silva Carvalho é um bom poeta, se um O'Neill é um bom poeta, é porque qualquer deles conseguiu, em certa medida, criar beleza. O que não acontece, de modo algum, em Carlos Loures, mau imitador de Alegre.

Há, porém, uma poesia nova, uma poesia extraordinàriamente válida : a da geração de 61, da qual destacarei o dito camoniano Gastão Cruz, admirável construtor de versos, rebelde na forma ou no tema, poeta do princípio ao fim. Eles, de 61, porque são novos e porque são poetas, dizem-nos bem a possível função da poesia : procura feita de encontro e recusa, tanto na palavra-coisa, como na palavra-sentido, como na palavra-gesto. E este retorno ao formal é bem significativo, em contraposição nos escritores pseudo-realistas, como Loures, em que não nascem palavras nos poemas. De resto, «Cronista não é recado», de Teresa Horta, ou certos poemas de «Barcas novas», de Fiama Hasse, são muito mais lúcidos, tanto do ponto de vista poético como social, do que os neo-realistas apontados, não só por serem reivindicativos de uma realidade feminina (excluamos o péssimo poema de Fiama sobre a Padeira de Aljubarrota) — a tal existência absurda do segundo sexo — como pela contextura em que a temática se insere e da qual parte.

Julgo que não podemos atribuir à poesia funções, nem na nossa sociedade nem em nenhuma ; mas julgo, também, que a poesia, existindo històricamente a partir de estruturas dadas, é sempre uma denúncia e uma aparição, explícita ou implícita dessas estruturas, no seio do enquadramento super-estrutural. Mas, repito: saberei ler isso em Gastão Cruz, e certo que, além de tudo, ele cria beleza; não o soube ler, até hoje, em Manuel Alegre ou Carlos Loures, entre outros. E não nos iludamos: se a «Libertée» de Éluard é bela, não é por estar escrita li-ber-tée, mas porque é bela ; e porque é. E se Pablo Neruda (merecedor do Nobel, segundo Sartre) é, talvez, o maior poeta vivo, em «Carta no caminho» ele mostra bem a união do amor e da revolução em dialética real. Sobretudo, não finge. E se «o poeta é um fingidor», é preciso sê-lo com subtileza : com poesia.

## UM MÉDICO E ENSAÍSTA

A linguagem lógica e a linguagem estética são linguagens diferentes. E tão diferentes, até, que irredutíveis. Ninguém transmite pelo discurso racional o que seja um poema, uma sonata, um afresco. E porquê ? Porque em todos estes modos de significar (ou significantes) há uma complexa fusão de elementos que abrangem e implicam as mais distintas ou distinguíveis faculdades humanas, — das sensoriais às abstractas, das afectivas às éticas, das questionadoras às volitivas.

Há, então, um irracionalismo essencial na Arte? A meu ver, há um racionalismo diferente, um racionalismo a-lógico porque só consciencializável por métodos diversos dos da razão. Mas um racionalismo, repito, porque o apreendemos como algo que a razão apercebe mas não sabe, isto é, não pode deduzir à linguagem que lhe é peculiar. Por isso dizemos que os grandes artistas são lúcidos.

A Arte é, assim, um nível diferente, mais cromatizado e rico, do nosso conhecimento do Real — incluido neste o que a subjectividade humana encaminha ou descaminha em torno dele. O que encaminha é um irracional que não fôra racionalizado ainda ; o que descaminha, um irracional fantasmático, delirante, onírico. Mas «real» — como significação subjectiva que em qualquer caso é.

Chamamos Poesia, em sentido lato, à matriz desse processo. E, em sentido restrito ou literário, ao módulo menor (de tempo-espaço, que não de valor, está claro) de que a linguagem oral ou escrita dispõe para enformar tal matriz. Como é óbvio, se não soubéssemos já, por um saber de experiências feito, o que é poesia, nada ganharíamos em reflectir dest'arte sobre ela,— o que confirma a distinção de que partimos. De qualquer modo, só ficamos a saber o que é poesia quando consciencializamos a impossibilidade de a definirmos. Basta lembrarmo-nos daquele positivista que dizia acerca dos «versos» de que gostava: c'est beau comme de la prose, para nos apercebermos de que há homens «sem ouvido» para a poesia, como os há sem ouvido para a música. Serão todos irrecuperáveis para ela ? Decerto que não. A grande maioria não a sintoniza porque persiste em confundi-la com a linguagam lógica. É essa uma das batalhas a travar pela cultura.

Concluindo (em contradição com Novalis): Poesia é, para mim, a expressão da impossibilidade (em que nascemos e morremos) de atingirmos o real absoluto, e da intrínseca necessidade que sentimos de identificar com aquele o real que criamos através dela.

*JÚLIO HENRIQUES*

# TEATRO NECESSÁRIO e NECESSIDADE de TEATRO

Continuação da primeira página

*dor, se revelam, por vezes, vocações e talentos que, sem essa experiência teatral, nasceriam e morreriam dentro do indivíduo sem ele (ou ela) nunca se aperceber? Já se imaginou que, para além da arte de representar pròpriamente dita, o Teatro proporciona o desenvolvimento e alargamento de muitas outras vocações?*

*No Teatro os cenários são fundamentais; estilizados ou não, sugeridos, apontados, etc., são sempre essenciais para a contextura geral de um espectáculo.*

*Na sua confecção trabalham:*

*a) Maquetistas*
*b) Cenaristas*
*c) Desenhadores*
*d) Pintores*
*e) Carpinteiros-marceneiros.*

*Dentro deste campo talvez ainda caibam outras raízes artísticas (decoração, etc.) que, para já, não vale a pena referir.*

*Falemos agora da luminotécnica (arte de iluminar a cena):*

*a) Electricistas-montadores*
*b) Operadores de luz (manejo de reóstatos e outros).*

*Para além disto desenvolve-se o sentido (e o gosto) da aplicação de cores e ganham-se conhecimentos no campo da decoração com luz.*

*Analisemos a parte sonora (música de fundo, ruídos, etc.), hoje em dia absolutamente indispensável nos espectáculos de Teatro:*

*a) Rádios-montadores*
*b) Operadores de som (manejo de gravadores, amplificadores, etc.)*

*Também dentro desta faceta a que o Teatro hoje obriga, os seus responsáveis gravam e desgravam melodias, sons, ruídos de apontamentos e ruídos especiais, efectuam trabalhos de montagem sonora; para além disto apuram o gosto pela música, aprendem a acompanhar uma peça com música em todas as suas situações (dramáticas, cómicas, trágicas, de terror, de angústia, de farsa, de amor, etc.), uma gama enorme de apontamentos, que vai desde o demarcar de sentimentos e reacções humanas, até a elucidação do tempo, época, género e climas ambientais.*

*Posso chamar a atenção ainda para a parte respeitante ao guarda-roupa das peças, que envolve figurinistas (criadores de maquetes pelas quais se criam as indumentárias para as representações), costureiras, etc. Para a difícil e tão versátil arte de maquilhar e caracterizar; igualmente não posso (nem devo) deixar de mencionar os chamados homens-acessório das representações:*

*a) Pontos*
*b) Contra-Regras*
*c) Aderecistas*

*Os primeiros desenvolvem e refinam as suas qualidades de leitura e a sua capacidade, para além da cultura geral que o conhecimento das peças que pontam lhes proporciona, afinam reflexos e o sentido da responsabilidade; os segundos, com o sentido disciplinar que o cargo impõe e a confiança que têm de ter em si mesmos, para além da criação e desenvolvimento de personalidade; os terceiros com a aguda percepção da localização de objectos e coisas e a segurança de movimentação em todo o palco, sem referir a difícil e complexa organização do processo que engloba todas as peças e objectos que entram e saiem durante a representação.*

*Mas, dentro dum campo tão vasto como o é o do Teatro, existem diversos cargos (dezenas deles) que não cabem nesta minha dissertação (alguns até criados segundo as necessidades da peça em representação). No meio de todos estes a que me referi cabem imensas vocações e habilidades naturais, desenvolvem-se inúmeras qualidades e inclinações instintivas; o Teatro é uma fonte inesgotável de criação. Há indivíduos que ingressam num grupo de teatro amador para serem actores e, quase sem querer, começam a mexer em fios eléctricos, em projectores, ou a pintar, a desenhar e a carpinteirar e, passados uns tempos, a colectividade ganhou (para além do actor) mais um electricista ou operador, ou um cenarista, desenhador ou carpinteiro de cena, etc. Tudo isto, todo este mundo diferente que envolve o Teatro, é um manancial, direi mesmo, uma escola de características muito especiais, é certo, de artes e ofícios.*

*Por vezes (e na maior parte delas) o espectador que se senta na plateia para assistir a um espectáculo de teatro, não imagina sequer o formigueiro humano que labuta entre cenas, para além daqueles que trabalham à sua vista e que são, como é óbvio, os actores. Dentro de uma colectividade que se dedica ao Teatro, existe ainda uma série de cargos fixos, que fazem parte integrante do sistema administrativo dos grupos, tais como:*

*a) Responsáveis pelo material (são uma espécie de fiéis de armazém, pois zelam e vigiam o bom funcionamento e a conservação do material de cena do grupo);*

*b) Responsáveis pela publicidade (organizam toda a publicidade à volta das representações, desenham e mandam confeccionar cartazes e programas, enviam notícias para os jornais, revistas, rádio, etc., remetem circulares publicitárias e muitas outras coisas ligadas a este campo e que fàcilmente se depreendem;*

*c) Arquivistas-artísticos (são eles que têm a seu cargo a parte que diz respeito à vida do grupo, coleccionando tudo o que se refira às suas actividades (recortes de jornais, programas, cartazes, fotografias e outros) e são eles ainda que mantêm contactos com dramaturgos, responsáveis de revistas da especialidade de teatro, com outros grupos amadores, e fazem o intercâmbio cultural.*

*Como é possível que, em face DISTO TUDO (e apresentado a traços largos, como se calcula) não se acredite que haja NECESSIDADE DE TEATRO? Como é que se pode admitir que, no nosso meio social, existam pessoas que considerem o Teatro Amador contraproducente, nocivo e até desprestigiante? Má vontade? Egoísmo? Intolerância? Incapacidade? Não, não posso acreditar! Direi, como o disse Erwin Piscator, «é preciso fé, é necessário acreditar na razão humana e termos esperança de a vermos um dia realizada».*

JOSÉ JÚLIO FINO

ERA PAZ a terra inteira!

O caminho do céu trouxera com o sol
Da Hélada distante,
O louro e a oliveira.

Ouvia-se o silêncio.
Não havia ninguém no estádio iluminado
Pela estrela maior.

A mancha de emoção
Cobria os degraus brancos
Até tocar o céu.

Em baixo, a fita negra,
Regular, debruada,
Sentia sobre si os pés dos atletas
Na ânsia de partir.

Eram brancos do Norte,
Negros do Sul,
Amarelos vindos do Oriente,
Enfim, de toda a parte,
Na maratona gigante.

No peito, cada qual
Albergava, ao partir,
O desejo viril
de triunfar.

A coroa, desta vez,
De louro e oliveira,
Era, nos olhos deles,
O Norte, o Sol, a Vida!

E cada um sonhava
Senti-la sobre a fronte!

Partiram estrada fora, como o vento,
Em busca do triunfo.

A multidão vencera, de repente,
O silêncio profundo que a esmagava.

Os minutos passavam!
As mais diversas cores
Eram manchas de vida
No verde que bordava
A estrada interminável que pisavam.

Um agora, outro logo, dois depois
Transformavam o novelo da partida
No fio estendido para a glória.

Apesar do esforço, cada qual,
Era leve na asa do seu sonho.

Chegam ao fim as forças dos mais fracos,
Sente-se o arfar ansioso dos mais fortes,
O fio humano é cada vez mais longo!

A esperança de cingir, na fronte altiva,
O louro e a oliveira,
Faz a milagre de tornar primeira
A última passada.

O milagre da fé e da vontade
Vai de novo enrolando o fio imenso
E o novelo regressa a passo largo
Ao ponto de partida que é chegada.

A multidão avista, subjugada,
Pela beleza humana do milagre
O pelotão total dos atletas.
A grandeza do feito esmaga tudo,
O silêncio profundo está de novo
A ouvir-se, no estádio, como um Hino!

## PARA O JOÃO SARABANDO
### atleta que não deixou de o ser

Na porta da maratona
Surgem os loiros do Norte,
Negros do Sul, amarelos,
Rostos morenos também,
Unidos, no mesmo passo,
Sem se avistar o mais forte.

São todos os que partiram,
Nem um só ficou na estrada!

Dir-se-ia que as passadas
São uma só para a meta
Onde o louro e a oliveira
Aguardam que um atleta
Seja o primeiro, o eleito.

A linha branca está perto,
Mais um passo, um peito, um ai
E tudo terá acabado
Quando o herói for sagrado,
A coroa na fronte altiva.

Qualquer coisa, porém, se está a passar!
Mais que nunca era a Paz a terra inteira!
A fita branca da meta
Sentira o peito de todos
Num momento de igualdade!

Já não havia vencidos
Todos eram vencedores,
Todos — os braços estendidos —
Erguiam alto a Vitória
De toda uma mocidade,
A mocidade do Mundo!

O pódio tinha um degrau,
Um só onde estavam todos
A saudar a multidão.

O louro e a oliveira
Na coroa entrelaçados,
Eram a PAZ e o TRIUNFO!

O silêncio ainda se ouvia
Como hino de vitória,
Vitória da Mocidade,
Da mocidade do Mundo!

Era PAZ a terra inteira!

# CRÓNICAS de CINEMA

## DO QUOTIDIANO

FÉLIX BORGES

### O rosto e a cidade

*O mistério da cidade grande é o rosto dos que se apressam numa ânsia infinita de ultrapassarem o tempo. Um rosto, abismo de crenças e desesperos. Um rosto, presença anónima de secretos desejos. Cada um vive uma história. A sua história. A história da cidade grande. Do seu ritmo irreversível. Dos sons metálicos que inundam os ouvidos. E adivinham o futuro. Um futuro que é já um pouco nosso. Porque dele temos a certeza de ter um tempo mais agradável.*

*Aprender a história de cada rosto é humanizar a cidade. É criar um silêncio de simpatia. Mas, para além de tudo, é inventar a intimidade. Arrancar os protestos tantas vezes adiados. Destruir o cansaço que à noite nos preenche.*

*Chama-se António ou José. Maria ou Gabriela. Pouco importa o seu nome. Só a sua presença compacta nos desperta. Vai sorrindo. Ou então acabrunhado. Mas geralmente só. Tremendamente só. Impotente para encontrar alguém que não conhece. Para lhe gritar que naquele momento lhe apetecia falar das árvores. Do amor.*

*Um rosto na cidade é triste. Se reflectido. Se amante. Se humano. Um rosto, célula auto-suficiente. Não porque o deseje. Talvez por falta de coragem. De um sentido profundo de aventura. Um rosto, serena presença do passado. Sem imaginação. Sem a loucura que é o segredo do criador. Sim, um pouco de loucura. Uma palavra, um gesto mais amplamente construído. Ferozes, até. Então dar-se-ia a génese dos rostos. Quebrar-se-ia a sua monotonia. A arquitectura quotodiana de suas linhas.*

*A história de um rosto na cidade comove-nos. É uma história breve. E igual em sua solidão. Dar-lhe um rasgo de lucidez seria construir um outro rosto. Seria metamorfosear a cidade grande. Falar-se-ia, também depois, de um rosto na cidade. Mas de um rosto isento. Vivido. Livre.*

### DOUTOR FAUSTO
#### —deu consulta em Aveiro

*Doutor Fausto* é Burton. Produção. Realização. Interpretação. Em suma, espectáculo. Espectáculo de cores esfumadas e de diabos. Belos diabos, por sinal. Principalmente um diabinho chamado Helena da Grécia. Ou, se preferirem, Liz Taylor.

Os efeitos de que Burton se recorreu são demasiado fáceis. Toda a gente os conhece. São lugar comum naqueles filmes, que não sendo filmes, por filme pretendem passar. E, o pior, é que na maior parte das vezes conse-

Continua na página dois

Continuação da primeira página

# Senhora Dona Carolina

tivo comum, uma vez que a segunda — para os que crêem nisso — é o julgamento da primeira. Tem esse tribunal o nome de História, para uns, o de Religião, para outros. Pouco importa, no plano da cultura — que é o nosso, aqui: com penas ou sem penas pessoais, os mortos são sempre réus que o futuro absolve ou condena!

Diz V. Ex.ª que Aveiro é uma cidade morta, aos sábados e domingos. Numa secção notável que este mesmo jornal publica, já fora dito que é uma cidade morta, à noite. E, em artigo aqui também saído (em apenso e àparte ao qual declaro, já agora, que colaborar num jornal implica sempre que se tem consideração pela forma como é dirigido), disse-a eu culturalmente embalsamada, nos 365 dias do ano...

Eis a questão, sr.ª D. Carolina! Questão em torno da qual são unânimes os sufrágios, uma vez que ninguém veio contestar com argumentos válidos, que eu saiba, essa triste e confrangedora realidade. Viveremos nós numa necrópole? Ou estará ela adormecida apenas? Há valores — e não se manifestam! Há agremiações — e vivem anestesiadas! Há trabalhadores — e regulamenta-se o ócio! Que anormalidade é esta? Que erva daninha faz saltar os cubos do empedrado que conduz ao forum? Vai por esse mundo um vento de renovo, e Aveiro — a ventosa Aveiro! — apodrece em calmaria!

Da minha ilha a saúdo, sr.ª D. Carolina, com a bandeira da esperança! Se há, entre nós, uma mulher, ainda, que serve a causa do civismo, nem tudo está perdido. Lavados os ares pelas chuvas do Outono, o diálogo poderá renascer, quem sabe?!

Seu cativado leitor

MARIO SACRAMENTO

P. S. — Aos que precisem de dicionário para entenderem a posição do autor sobre o pormenor em causa, esclarece-se que uma coisa é o número total de horas semanais de trabalho dum empregado ou assalariado e, outra, o horário público do estabelecimento ou empresa que sirva, com outros. E que o ócio também está sujeito à lei da oferta e da procura, nas estruturas económico-sociais que geram a alienação.

M. S.

N. da R. — *Dos srs. Vítor Falcão, Mário de Matos e Pompílio Carlos Coelho Souto recebemos, respectivamente, na segunda-feira, anteontem e ontem, escritos que esperamos poder publicar no próximo número: o sr. Souto afirma, além do mais, o seu interesse pela secção «Cada cabeça... sua sentença»; os srs. Falcão e Matos (este na qualidade de Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Aveiro) manifestam-se quanto ao problema do regime local dos fins-de-semana. Entretanto, a nossa colaboradora Carolina Homem Christo e o* Litoral *têm recebido, pelas mais variadas formas, incentivos para porfiar na tese que, sobre o candente tema, aqui tem perfilhado esta nossa colaboradora. Tema candente, sem dúvida.*

# Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

denúncia trágica, escalpeliza a palavra, move-se assustadoramente para o interior e fica estretanto cá fora a avisar. É um movimento, com o seu fogo, a sua voz.

Nos nossos dias, temos vindo a assistir a uma transformação enorme do seu tom, da sua forma, do seu ser. A força da palavra-choque está aí, nos poemas curtos, frios, «desapaixonados». O poema revela-se raiz autónoma, a sua realidade própria está alcançada. É um objecto que corta, que fere e faz amar.

Em contrapartida, causa aflição a leitura das etéreas «poesias» de pantufas, muito bem educadas, de longos elogios aos canais venezianos, aos nossos etcéteras todos. À vista destas belas e excelsas composições naftalínicas não há remédio senão tirarmos respeitosamente o chapéu e exclamarmos com um sorridente sorriso de entendimento: «Quão sublimemente versejais, senhora minha!»

Mas vamos mas é dar atenção ao que nos disseram: os depoimentos, como se verá, têm o maior interesse. A pergunta que formulámos foi simplesmente:

O QUE PENSA DA POESIA?

UM DESENHADOR INDUSTRIAL

Acho que a poesia é necessária... e maravilhosa. Creio que se lhe fosse dada maior divulgação o seu objectivo haveria de tornar-se mais explícito. Mas a divulgação, ligada a problemas de infra-estruturas, não parece avançar lá muito...

UM «MANGA DE ALPACA» (MUITO JOVEM)

O que eu penso da poesia, e reportando-me muito especialmente à portu-

Continua na página nove

## Secção dirigida pelo DR. HUMBERTO LEITÃO

O saudoso Dr. António Christo escreveu «Efemérides Aveirenses»; o primeiro volume — dado a lume, em cuidada edição, por iniciativa da Câmara Municipal de Aveiro — abrange os fastos locais ocorridos nos primeiros semestres de muitos anos, alguns a perderem-se na lonjura dos séculos; quanto respeita aos segundos semestres, deu-o à estampa o ilustre aveirense nas colunas deste jornal, assim ficando partida (e, por isso, fátua) a continuidade duma obra a todos os títulos meritória, como meritória é toda a vasta obra de investigação e memoração históricas de António Christo, infortunadamente com muitas páginas ainda inéditas. No caso de «Efemérides Aveirenses» sabemos até que no espólio da família existem copiosas e complementares rubricas que se destinavam a um segundo volume. Há que editá-lo.

E é em homenagem ao inesquecível aveirense — e também para acentuar que vai tardando dar a lume o complemento exaustivo dum curiosíssimo trabalho — que hoje trazemos aqui, referidas ao mês decorrente algumas

### EFEMÉRIDES

1 de Novembro — 1584 — *Nasce em Aveiro, no palacete que aqui tinha a família dos Sousas, condes de Miranda e marquêses de Arronches, Vasco de Sousa, que havendo-se doutorado em leis na Universidade de Coimbra, da mesma foi reitor por nomeação de Filipe III.*

5 de Novembro — 1862 — *Enterro de José Estêvão.*

6 de Novembro — 1843 — *Principia a ser demolida a antiga igreja paroquial do Espírito Santo, sita no largo do mesmo nome.*

8 de Novembro — 1487 — *El-rei D. João II dirige uma carta laudatório a frei Pedro Dias, ilustre filho de Aveiro e honra*

Continua na página dois